Voz de S. Antonio

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. Leão XIII. Pelo Exc.mo Ordinario e varios Prelados.

SETEMBRO DE 1906

6.ª Serie — 12.º Anno

N.º 21

Redacção e administração

BRAGA

SUMMARIO

Catholicismo e Livre Pensamento.
I Parte — **Secção doutrinal:** Ainda as más leituras — A educação da familia. — Resoluções das Congregações Romanas.
II Parte — **Secção Historica:** Recolhimento de S. Bernardino da Ordem Terceira em Aveiro. — Pensamentos e Anecdotas.
III Parte — **Leituras amenas:** Dias de felicidade. — Insectos: As formigas; suas guerras.
IV Parte — **Echos de S. Francisco e S. Antonio:** — As Chagas de S. Francisco — Santo Protector do mês — Movimento das Ordens Terceiras: Montariol, Faria, Peniche, etc. — Pão de S. Antonio em Braga, Barcellos, etc. — Juventude Antoniana. — Os Nossos Defunctos.
V Parte — **Secção Scientifico-litteraria:** — Notas de critica litteraria. — Montariol (Poesia). — Ideal (Poesia) — As nossas illustrações: Povoa de Varzim, Banho de agua quente — Bibliographia.
VI Parte — **Chronica Universal:** Portugal, Roma, Italia, Hispanha, etc. — Carta d'Africa. — Varia.
Gravuras: Diversas da villa e enseada da Povoa do Varzim. — Banho de agua quente (japonês).

Aos nossos assignantes

Fazemos saber que não respondemos de futuro por qualquer pagamento, que não seja feito ao nosso Tesoureiro o Exc.^mo Snr. Domingos José de Sousa Gomes, ou a esta Administração, **pessoalmente, por carta registada ou vale do correio,** ou aos nossos habituais correspondentes, cujos nomes publicámos no precedente numero da nossa Revista.

CHRONICA LIGEIRA

Summario. — *O livro do Sr. dr. Trindade Coelho, ao correr da penna. — O que elle é — O que o auctor disse — O que deve provar — O que se esqueceu de dizer.*

Por estes exhaustivos dias de agosto, que aqui no Porto se tornam insuportaveis, a quem quer que seja dotado de uma mediocre sensibilidade, não ha vontade de fazer nada, nem mesmo de lêr o *Manual Politico* do sr. Trindade Coelho.

A curiosidade, porém, apezar de *feminina*, chega, ás vezes, a encarnar-se nos homens — mórmente quando uma certa aura buliçosa e persistente nos sensibilisa os nervos em demasia —; e eis aqui a razão porque eu li todas as letras e todas as virgulas do *Manual Politico do Cidadão Português*.

Os jornais de todas as côres falaram. E eu, que gósto de fazer justiça por minhas proprias mãos, quero tambem dizer o que se me afigura justo.

Vou dizer lhes com toda a imparcialidade o que é, segundo entendo, o livro de que falo.

Um conjunto de principios, em geral muito bem expostos e claramente deduzidos, na parte que pertence ao celebre Numa Droz, de grande e opportuna utilidade para todo o cidadão. Nesta parte o livro não é suisso, não é nacional. E' europeu — universal.

Um agregado de contradicções com esta primeira parte, a pertencente ao sr. Trindade Coelho — em grande parte, ao menos. Faço-lhe, no entanto, a justiça de pensar que o auctor percebeu bem a contradicção do seu livro, mas que... *obrigado*, talvez, se deu a tão improficua tarefa.

E digo *improficua*, porque o paiz não só está cansado, mas nem mesmo está preparado nem disposto para o que o sr. Trindade Coelho d'elle exige. Nós não somos a França. Apenas lamento que a *delação* religiosa do autor venha inserida num Manual Politico em vez de ter feito parte de um panfleto revolucionario...

Ahi sim que ficava bem, apezar... da certeza que eu lhe dou de ter de esgotar a edição do tal panfleto vermelho de outro modo — que não o da venda...

O fim que o sr. Trindade Coelho tem em vista, quer na adaptação ao nosso meio do livro de Numa Droz, quer na parte que tem de original, é o de educar *democraticamente* os seus concidadãos, para um novo regime de governo para o qual surgirá, muito tarde, talvez uma esperançosa e risonha aurora.

Para isso, entendeu o sr. Trindade Coelho que era indispensavel, inadiavel até, a destruição de todos os centros religiosos do paiz.

Congregações religiosas, praticas do culto christão, associações de caracter social, populares e não populares tudo, tudo deve ser destruido, como obstaculo a essa educação democratica!

Ora, isto abona muito pouco a favor do sr. Coelho, — até mesmo nos faz duvidar da sua sciencia dos Principios mais rudimentares de um *Manual* de civilidade. O sr. Coelho saíu-nos um pedinchão importuno! Não admira... os *coelhos* costumam ser insaciaveis.

Deixemos, porém, a ironia que não é, positivamente, a melhor arma com que vencemos o inimigo. Examinemos friamente a obra e vejamos se este senhor tem razão.

Em summa, o sr. Trindade Coelho, obtida ampla informação da existencia de associações

12.º anno — N.º 21 6.ª SERIE Setembro — 1906

Voz de S. Antonio

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — BRAGA

EDITOR — D. J. de Souza Gomes. Pap. Universal e Typ. a Vapor.

Catolicismo e livre pensamento

LIBERDADE! Não há ahi palavra hoje de que se use e abuse mais.

A historia da psicologia moderna há de registar, em seculos futuros, a nossa idade como a da mais completa confusão dos espiritos.

Não há ainda a compreensão nitida das necessidades, das aspirações, e dos possiveis ou já realizados triunfos da epoca que passa.

Por vezes, ignora-se, até, em absoluto, a denominação que deve ser dada a cada uma das multiplas manifestações scientificas, juridicas e sociais que sobredoiram a aureola deste seculo incipiente.

Por outra parte, acham-se, não raro, antinomias onde existe a mais completa concordancia, e confundem-se, ao invés, como analogicos senão identicos, o que tambem é comum, termos cujo significado representa a mais irreductivel repugnancia.

Exemplo dos primeiros, ahi temos a presuntiva opposição entre o catolicismo e a liberdade de pensar.

E contudo um não contradiz o outro.

A razão é clara. Uns, os livres pensadores, têm para si que livre-pensamento é sinonimo de revolução e anarquia psicologica e civil, em que a pedrada intellectual, bem como a arruaça popular, são o mais veridico argumento da nobreza e da *intangibilidade essencial* da raça e do individuo humano.

Os catolicos, porém, e os homens sensatos, os que estudam e refletem, sem *parti pris*, repellem indignados aquelle conceito estranho. Descem até á propria etimologia de cada expressão e ao seu significado directo e quididativo. Chegados a este campo, reconhecem que a liberdade tem por base a ordem e por sustentaculos a autoridade legitima e a evolução social indefinida.

O progresso scientifico, moral e social, o fisico até, só podem subsistir com esta liberdade. E' nestas condições que ella foi, em toda a historia, a *alma mater* da expansão evolutiva dos povos através do retrogradismo dos seculos de maior inercia e do individualismo comodista.

O livre-pensamento conserva absoluta incapacidade de opposição a esta verdadeira noção de liberdade. Podemos até, em parte ao menos, admitir como identicos estes dois termos.

E' que o livre-pensamento ou se contem nos seus justos limites, indicados pelo seu etimon, e então é absolutamente inofensivo pois que é um acto simplesmente interno e estritamente psiquico; ou, sofrego da realidade fisica, imprimindo movimento ás faculdades locomotoras e aos orgãos da actividade corporea e humana, se espaneja a toda a luz solar e social, e, nesse caso, perde o direito ao seu nome primitivo e passa a chamar-se apenas actividade livre ou liberdade de acção.

Nestas alturas, o pensamento deixando de existir nos intermundios incomensuraveis da metafisica pura, veste a libré terra-a-terra da liberdade humana positiva e concreta, identifica-se real e nominalmente com ella, e formam ambos a mais suave harmonia que já pôde imaginar-se, capaz de dulcificar a agra marcha dos povos para a sua perfectibilidade final.

Nestas circunstancias genuinamente scientificas e exclusivamente racionais e

humanas, todos nisto accordam até os adversarios, nesta situação, unica verdadeira, nada mais natural do que o amplexo intimo e vivo do catolicismo com a liberdade. Nada mais comesinho do que entrelaçarem-se as mãos livre-pensamento, liberdade e catolicismo.

Não se aterrem os ouvidos demasiadamente meticulosos, pouco observadores e nada scientificos. Andam muitas coisas entrechocando-se confusamente que deviam caminhar parallelas. Essas tres são deste numero. E' claro que desdenhamos o sentido que uma grande parte lhe quer dar, para lhes attribuirmos apenas a realidade objectiva e subjectiva da sua verdadeira natureza. Somos inimigos de adulterações e de propositos reservados, genero adorado das cavilações dos nossos adversarios, a quem a fortuna distribuiu o papel caricato de fanqueiros da sciencia, da razão e da felicidade social.

E' que o christianismo é a origem fundamental das mais bellas aspirações humanas, e o manancial inexaurivel de toda a liberdade publica e individual de pensar e de acção. Incontestavelmente.

Parece que neste concerto admiravel do progresso, da liberdade e do catolicismo scientifico-social, não fôra concebivel a mais leve dissonancia.

Não succede, porém, assim. Encontra-se infelizmente um desequilibrio demolidôr no meio desta harmonia. Há muito quem tente demonstrar, agitar mesmo aos olhos do *vile pecus* um fantastico antagonismo entre o catolicismo e a liberdade.

A condição real da actual situação é o confusionismo filosofico ideologico.

Assim, nada existe hoje em situação mais vaga nem mais confuso do que esse terno embaladôr da sensibilidade do homem — a liberdade. Nada igualmente mais contradictorio do que a noção geralmente espalhada sobre a natureza do catolicismo. Para muitos é o mais tacanho pigmeu que ousou encarregar-se da direcção da humanidade em face dos seculos. E' por elles apresentado ao publico como o espectro da intolerancia intransigente. Nada mais antagonico, em tais condições do que liberdade e catolicismo.

E, todavia, a sociologia moderna não descobre contradicção alguma nesses dois termos. A contradicção tão sómente existe no conceito hodierno ácêrca da psicologia dessas duas altas expressões sociologicas.

A palavra liberdade presta-se hoje a inumeros equivocos. E' tal a complexidade da sua significação, no lexico actual, que a sua genuina e verdadeira essencia apenas pode sêr extraída da observação concentrada sobre a ordem casual dos factos sociais.

Só remontando a considerações simultaneamente abstratas e positivas, sobre a sua natureza e sobre a psicologia collectiva da nossa civilização, poderemos fixar o *quantum* da sua relação actual para com o cristianismo.

Ao contrario deste principio, cada um forma o seu conceito pessoal sobre estes dois fachos civilizadores, sem ascender á independencia da reflexão filosofica sobre a sua natureza real.

E sob este ponto de vista sociologico podemos avançar que liberdade e babel são expressões sinonimas.

Liberdade deixa, neste caso, de ser uma fórmula de direito racional. Traduz apenas um facto, a que podemos chamar o estado condicional da dinâmica da psicologia da sociedade contemporanea.

Esse facto corresponde á dispersão do pensamento filosofico-religioso do individualismo racionalista refletindo-se em sociologia.

Dessa dispersão racionalista do pensamento colletivo resultou um redomoinhar de aspirações sociais em mil sentidos diversos, ora convergentes ora repulsivos e antagonicos. Aqui seguem paralelamente, álém cruzam-se, lutam, combatem-se numa verdadeira sanha de intolerancia mutua. E para tudo invocam sempre todos o *promuntorium sacrum* da liberdade... individual.

A principio pedia-se a liberdade de pensamento em nome da justiça. A' identificação da justiça com a liberdade correspondeu em seguida o scepticismo prático. Resultado natural de todas as convicções insatisfeitas por fundadas num ideal verdadeiro exagerado.

Essas convicções cederam hoje o logar a uma situação incoerente, incerta e fluctuante, em que o individualismo intransigente procura aniquilar todos os

que se lhe atravessam diante. Isto em nome do livre-pensamento e da liberdade. Por isso hoje liberdade e livre-pensamento continuam a ser sinonimos, mas num terreno completamente opposto áquelle em que nós, de braço dado com a razão e os melhores pensadores, estabelecemos a sua harmonia,— no campo do sectarismo irrefletido, violento e egoista.

Liberdade já não é, nestas alturas, o concerto de muitas aspirações unidas numa aspiração, numa sinfonia sublime de beatitude universal, como a sonharam os maiores filosophos e os primeiros poetas e como o exige o genuino conceito da sua natureza.

A palavra liberdade no sentido antiracional em que hoje se toma tem uma assonancia horrivel. Ha ahi o grunhir do egoismo mais soêz, o gargalhar cinico de Mefistofeles, o clamor tragico do desespero do ideal utopista.

E' em nome deste ideal, ou antes destes fragmentos de ideal sem coesão nem coerencia, destas ruinas da consciencia, é em nome desta mentalidade em dissolução que se pretende fundar, invocando a liberdade do pensamento, um novo estado social perseguidor e intolerante para com tudo que não seja — **eu, os meus, a minha seita.**

Felizmente, no seio da humanidade, por tantos males convulsionado, subsiste ainda bem vivo esse sentimento, completamente opposto ao livre-pensamento hodierno, e que é, com o principio religioso, a condição da vitalidade social — o humanitarismo.

Vemos, na verdade, que a idea-sentimento da fraternidade humana tem no direito moderno uma parte capitalissima. Ora, o dogma da fraternidade humana, inscripto nos codigos contemporaneos desde a Proclamação dos direitos do homem, é a traducção juridica da equação de todos os individuos perante a lei. Esta equação, resultado dum extraordinario movimento social, não só não é antagonica ao espirito do catolicismo, mas antes, o factor implicito della e seu predeterminante psicologico.

Isto prova, ao mesmo tempo, que o patrimonio sacro da liberdade é o resultado do principio da fraternidade social, e que uma e outra procedem do sentimento christão, aqui identificado com as mais incantadoras aspirações da nossa propria natureza.

Qual é a religião, qual a escola filosofica ou litteraria, que há vinte seculos brada aos homens que sejam unidos como Deus com a sua propria natureza? Qual a que lhes recorda em tão longo periodo, que todos são irmãos? Qual a que lembra há mais tempo ainda, ininterruptamente, que o universo está entregue ás disputas humanas, que a perfeição individual e social é um dever instinctivo que a humanidade tem de procurar preencher em todos os tempos? Finalmente, que sociedade, que escola, que religião ensinou já aos seus adeptos, quando obrigados a escolher entre a liberdade da verdade e a servidão muda ou até a morte, a proferir o *nom possumus* da liberdade verdadeira em favor da verdade livre? Qual a que ordena a todos os homens que amem o seu proximo, e os seus similhantes, e os individuos da sua especie, como a elles proprios?

Não resta duvida de que o humanitarismo, o principio da fraternidade humana, o sentimento da liberdade, o culto da verdade no seio mesmo do ferreo circulo do despotismo, são patrimonio hereditario da civilização cristan, ou devidos ás influições diretas do ideal catolico no seio da sociedade.

Não admira que o livre-pensamento individualista actual, sendo ferrenho adversario do catolicismo seja tambem o feroz perseguidor das liberdades sociais e até privadas, e de todo o sentimento humano.

E' por isso que não raro surgem de qualquer lado livres pensadores modernos, impregnados de um aceso intolerantismo individualista, a denunciar os membros de diversas escolas affins mesmo da ateista, por genuflectirem perante um humanitarismo que elles chamam instintivo e hereditario.

Os adeptos do novo ideal chegam a exigir, na imprensa e na tribuna, em nome da liberdade de pensar, a guerra mais acintosa para os seus similhantes, para os seus irmãos pela natureza, pela origem, pelo nascimento e pela patria, que

tiverem o arrojo de pensar, de crêr e de obrar diversamente delles. Lamentam, àlém disso, que a opinião publica e a intelligencia europeia de nossos dias, hereditariamente cristan, seja refractaria a esta idéa nova de intuitos tigrinos para com todos os que não seguirem os mesmos tramites; para com todos os que não se prosternarem perante o irrisorio programma do livre-pensamento contemporaneo, em cujo frontespicio se vê esta frase horrisona, sintese verdadeira da nova escola ecletica positivista: «Exterminai todos os que não pensarem, não crêrem nem praticarem como vós!»

E' num terreno tão aderso e ingrato que pretende estabelecer-se e consolidar-se um novo ideal a que se convencionou dar o nome contraditorio de livre-pensamento.

E chama-se a esta escola o inicio da liberdade, a epoca da felicidade humana, da emancipação popular, do livre-pensamento!

O sentimento da fraternidade humana, a ideia de liberdade, a moral social, o progresso, a civilisação do mundo é portanto inconcebivel fóra da escola de Jesus Christo, o genio emancipador do homem — escravo, da mulher — instrumento, do adorador inconsciente do fetiche e da materia inerte.

Foi o catolicismo que transformou o homem fera no filantropo, no humanitario, no homem-caridade.

A civilização actual é uma civilização profundamente humanitaria, descentralizadora e livre. E' que ella é intima e hereditariamente christan. São os seus proprios inimigos que o confessam.

Ora, o espirito do catolicismo é o grande factor da civilisação contemporanea, e a liberdade é a sua mais alta manifestação, porque ella é o conjunto dos mais admiraveis cambiantes da prosperidade dos povos e da evolução ascendente do psiquismo social. Sem razão pois se affronta o catholicismo, a pretexto do bem dos povos e dos estados, pois que a mais luminosa das civilizações, a mais promotora liberdade, e a mais intensa felicidade social se identificaram com o seu ideal e a sua doutrina em todas as idades da vida humana.

Secção doutrinal

AINDA ÁS MÁS LEITURAS

Terminamos o nosso artigo do numero anterior com as palavras aureas de Leão XIII, incitando os fieis e escritores catholicos a combaterem a má imprensa, opondo escritos, escritos a retirando-lhe a sua assignatura e mesmo a compra no numero avulso. Neste numero, queremos ainda insistir no mal que causam as más leituras e no meio de as combater, ou no *apostolado da imprensa*.

Já varias vezes neste mesmo logar temos apontado muitos dos perigos que as más leituras trazem consigo para a sociedade, para a familia e para o individuo.

Temos chamado a attenção dos catholicos, para as leis severas da Egreja contra os escritos que não respeitam nem a fé nem a moral; parece porém que prégamos no deserto; só nos resta a consolação de termos cumprido o nosso dever de jornalistas catholicos. Apezar de tudo, insistiremos ainda mais uma vez, trazendo para aqui o testemunho dos homens eminentes, que, como nós, teem reconhecido este mal. Leão XIII dizia: «O mal da imprensa é immenso» E acrescentara: «Não se engana quem atribue á imprensa o excesso do mal, e o deploravel estado de coisas, a que chegamos prematuramente.»

Mons. Treppel, fallando da imprensa ousara escrever: «o mau jornal é actualmente a grande arma de combate da impiedade. E' por este meio sobretudo que ella trabalha na perda das almas, e na ruina da religião. O jornal mau está espalhado por toda a parte. Similhante a uma torrente inunda todos os dias as ruas das nossas grandes cidades e os caminhos das aldeias dos nossos campos, invade as casas, sóbe as escadas e os balcões, entra no lar de todas as familias para envenenar o pae, a mãe e os filhos.»

Queremos inda citar o testimunho dos bispos da Suissa, que numa exortação collectiva dirigida aos catholicos d'este país

depois de constatarem a mudança que em poucos annos se notava nesta nação para peior, perguntam qual é o responsavel d'estes males, e respondem sem hesitar: «a responsabilidade de todos estes males recáe com todo o seu peso sobre a impresa antichristã, por que foi ella que os preparou.»

Se dos testemunhos descemos ao campo dos factos, os males da imprensa são evidentissimos. E' raro o romance francês que não esteja traduzido em português Ora em França ha já alguns annos que se imprimiam annualmente, e tinham venda, para cima de tres milhões d'estes livros de perdição, segundo o testemunho de P. Foyollat; sem contar os romances vendidos em cadernetas semanaes e que ascendiam a muitos milhares. Sendo pois uma grande parte traduzidos na nossa lingua, e muitos lidos pelos nossos compatriotas na mesma lingua em que são escritos, que immenso mal não produzirão entre nós! Se a estes juntarmos os escritos em português quasi ex-professo para combater os bons costumes e atacar a Igreja teremos um exercito formidavel posto ao serviço do mal que se torna impossivel de vencer.

IGREJA DE N. S. DAS DORES
(POVOA DE VARZIM)

Descendo aos jornaes, os numeros são ainda mais eloquentes. O Seculo, o Mundo a Vanguarda, o Pimpão e outros do mesmo genero por poucos assignantes que lhe queiramos dar, tiram com certeza para cima de 300:000 mil exemplares, que entram noutras tantas familias, que não deixarão de os passar a outras, que sorverão a largos tragos o veneno de suas doutrinas que pouco as intoxicarão fazendo-lhes perder a fé e corrompendo-lhes os costumes.

E' de notar que neste calculo, que está muito áquem da realidade, não entram os jornaes da provincia, que pela maior parte não perdem a occasião de atacar a religião, ou ao menos de a desacreditar, os semanarios pornographicos, os postaes illustrados, e os jornaes incolores, que se vestem de todas as côres para mais facilmente enganarem os incautos.

E em vista d'isto admiramo-nos como o mal não é maior, e como ha ainda quem sobrenade a esta corrupção, que tudo vae avassalando.

Se lançarmos agora a vista para o campo catholico encontramos para opor a esta a valancha da má imprensa, apenas dois jornaes diarios, e meia duzia de semanaes ou mensaes, todos a definhar por falta de meios, e os catholicos continuam de braços cruzados como se estivessemos numa paz octaviana, ou o que é peior abrem as suas portas ao mau jornal, que lhes ha de roubar a fé e a paz da familia.

Se, segundo a justa observação d'um auctor moderno «um livro pode dicidir da vida d'um joven» como não temer um pae que vê os seus filhos passar deante d'uma vitrine das nossas ruas e das nossas *gaves*, onde á luz do dia se mostram as peiores publicações e pornographias? E como se atrevem a leva-las para casa e a deixarem-nas dias e dias nas mãos de seus filhos?

J. de Maistre disse «que se as almas perdidas pelas más leituras nos appareces-sem juntas, ficariamos espantados do seu numero, e que se os livros podessem falar, revelar-nos-iam coisas espantosas sobre o apostolado de perversão que tem exercido sobre as almas». E quem não conhece que a imprensa no tempo de Maistre, não tinha metade da influencia d'hoje?

E Julio Vallés falando no mesmo sentido diz: «tenho visto jovens, a quem uma passagem (d'um livro) lida um dia ha dominado, desfeito, ou refeito, perdido, ou salvado a existencia».

Confrontando agora a sedução das más leituras, e o numero incalculavel de pessi-

mos livros e jornaes e o pequeno numero dos bons para os combater, aparece claramente a razão da impiedade e criminologia sempre crescente na sociedade, de que todos os homens catholicos e até honestos tanto se preocupam.

*

Exposemos o mal, vejamos agora qual o remedio a aplicar.

Ha quem julgue que o mal é tão crónico que é incuravel e a esta classe pertencem os membros do *dolce fan miente*. Terão elles razão? Cremos que não, porque é impossivel que Deus permitta que a sua Igreja soffra d'um mal a que Deus não possa dar remedio.

Outros ha que julgam dever combater-se com a pena, opondo escritos a escritos, com a propaganda d'estas boas leituras, com a negação do nosso concurso para as más; ou melhor, propõem dois meios que nós aconselhamos aos que inda prezam a patria, a familia e a si mesmos. D'estes meios, um é negativo, positivo outro.

O primeiro consiste em despretigiar o mau jornal por todos os meios licitos ao nosso alcance: ensinam as penas que a Igreja prescreve contra as más leituras, os seus effeitos, o mal que causam á sociedade, e á familia; e o fim a que visam que é a destruição da religião de nossos maiores; notando o que dizia um grande Prelado «que o jornalismo tal como está hoje, é, salvo raras excepções, para as intelligencias, o que os engenhos de guerra modernos são para o exercito, isto é: um meio aperfeiçoado de matar as almas».

O segundo meio consiste sem duvida alguma na propaganda do bom jornal. Se, como dissemos, o mau jornal é a arma aperfeiçoada para matar as almas, o bom jornal deve ser a couraça que as defenda de seus golpes.

Seria pueril querermos reformar os nossos costumes sem o auxilio do bom jornal, porque de tal sorte entrou em nossos habitos o uso d'este que não o poderiamos dispensar. Torna-se pois necessario, que forneçamos ao povo bons jornaes, que pela doutrina variedade de seus artigos, noticiario etc. despertem no povo interesse e o obriguem a preferi-lo aos maus. Recusar servir-nos d'esta arma de precisão que se chama o bom jornal, sob pretexto de que os outros meios podem custar, é opor ao canhão Krupp uma d'essas colubrinas, ou bombardas do tempo das nossas conquistas!

A primeira necessidade em Portugal é um jornal quotidiano, bem redigido, de maior informação que os maus que por ai pollulam com ajudas das subscripções dos catholicos, e se fôr possivel mais barato ainda. Não julgamos necessario que se fundem mais jornaes; o que é urgente é melhorar os que ha; e propaga-los por todos os meios ao alcance de cada um.

Estamos certos que, se cada um dos catholicos, que subscreve jornaes que não deviam entrar em suas casas, os deixassem, e dessem esse dinheiro ás publicações catholicas, estas em breve suplantariam as suas congeneres anti-religiosas.

E' este a nosso modo de vêr o melhor meio de apostolizar a boa imprensa e por isso aconselhamo-lo a todos os nossos leitores.

Terminaremos este pequeno artigo com as palavras do P. Fayollat: «para attender plenamente ao fim do apostolado da imprensa, temos o jornal integralmente catholico, irreprehensivel quanto á doutrina e aos costumes, que devemos sustentar propagar e defender. Por elle faremos circular as boas ideias, e restaurar o reino de Jesus Christo na sociedade na familia e nas almas».

A educação da familia

(Continuação)

O fim da educação da familia é formar homens e mulheres capazes de regenerar a sociedade; mas é principalmente pela mulher que esta regeneração se fará.

Quando Deus depois de ter creado o homem, diz: não é bom que o homem esteja só, demos-lhe uma companheira e creou a mulher, com certeza a envestiu d'uma missão especial Não foi dada ao homem para encantar seus sentidos porque para isso tinha no paraiso muitas maravilhas; nem para ser objecto do seu dominio, porque o homem ali dominava em todos os sêres; mas sim para o amar, para o comprehender, para

partilhar com este privilegio de perpetuar a especie humana e de o ajudar nesta missão.

Deus quando creou o homem, creou-o *só*, mas quando lhe delegou este poder, julgou que deve ser ajudado nesta sublime missão, e deu-lhe a mulher, submettendo-lha em tudo, porque a autoridade deve ser uma. A mulher não exerce a autoridade, adoça-a, tempera-a e retifica-a.

A mulher não é inferior ao homem, é differente. As suas funções são diversas, mas egualmente necessarias; não é o complemento do homem, é o seu regulador.

Se a primeira influencia da mulher sobre o homem foi desastrosa, este desastre foi reparado pela redempção, e Eva prevaricadora foi levantada pela Virgem associada á obra de Jesus.

Desde então a mulher regenerada é por sua vez creadora e redemptora. Creadora, porque continua a obra do Omnipotente, conforme as ordens e o poder que d'elle recebeu *«crescei e multiplicae-vos»*; redemptora, porque os soffrimentos que lhe foram impostos depois do peccado a tornam uma victima d'expiação.

*

A educação da familia deve dar á sociedade a *mulher que crê; a mulher que ama*; a *mulher que trabalha*.

A mulher que crê em Deus, crê tambem na sua missão e comprehende-a. Sabe que vem de Deus e que deve voltar para este; levando apóz si todos os que o mesmo Deus lhe confiou, filhos, esposo, e domesticos; pelo encanto da sua bondade, retidão do seu procedimento, heroismo da sua dedicação e fidelidade, aos seus deveres.

Estes deveres graves e numerosos são em primeiro lugar, as grandes obrigações moraes e religiosas; depois as dôres e soffrimentos da maternidade, os cuidados e responsabilidade da educação de seus filhos as ocupações multiplas, diversas e complicadas do governo da casa e do equilibrio entre a receita e a despesa, as incertezas do futuro, quando se lhes não juntam ainda os desregramentos do marido; as provas da doença e até da morte, a tristeza, os desalentos de esforços baldados, as ingratidões e injustiças dos que lhe deviam ser gratos.

Se o elemento religioso não está lá para sustentar a coragem, e alentar a esperança, quem poderá levar um fardo tão pesado, sem fraqueza, e sem defecção?

A affeição conjugal é verdade que traz tambem algum alivio ao passo que causa estas dores, mas a corágem do hómem exterior e violento desfallece no meio das lutas prolongadas e mesquinhas, que só a paciencia da mulher póde vencer.

O que não nos serve é a mulher boneca, que se *veste, palra*, e *despe*; que passa os dias a percorrer as lojas de modas, as *soirées*, os theatros e os bailes, deixando a creados, a quem não confiaria a sua bolsa, a guarda da innocencia, do coração e da saude de seus filhos; que não espera de seu marido mais que uma submissão dedicada a todos os seus caprichos, e o dinheiro necessario para cumprir seus gostos ruinosos, não conhecendo do dever mais que o vocabulo, vocabulo que para ella não tem significado, ou se o tem, julga que não lhe é aplicavel.

Não nos serve tambem a mulher que clama pela sua emancipação.

Mas que se entende por emancipação? O favor de lutar com os homens? Fraco favor! Por alguns espinhos d'uma envergadura excepcional que talvez podessem sustentar com vantagem lutas diplomaticas e economicas, quantas não perderiam o seu mais bello apanagio: a influencia na familia! A mulher foi creada para o lar, e não para tribuna.

Não está ella rodeada do respeito e homenagens dos homens? Quererá, tornando-se sua rival nos trabalhos, que lhe estão reservados, suscitar a sua animosidade, excitar o seu odio, apear-se do seu pedestal para lutar na arena onde já não ha poucos combatentes, receber feridas mortaes, e abrir feridas sanguentas?

Não, que se esconda, na sua divindade inviolavel, no lar de que é a guarda. Aí é que é verdadeiramente o logar do seu dominio, sob essa atmosphera favoravel que dá nobreza ás suas faculdades, brilho á sua intelligencia, e erradiação á delicadeza do seu coração.

Não ambicione a mulher direitos que teriam a abdicação dos que hoje gosa, e liberdades, que lhe faziam perder seus encantos. Não se *masculinise*, se assim se pode dizer, pelo vestido, ou pelos costumes. Grande pela simplicidade do seu porte, aquelle attrativo virginal e mysterioso, que encanta; pela modestia sorridente, mas inflexivel, um não sei quê que impõe respeito; pela temperança, o dominio de si mesmo, que livra de qualquer surpreza. Evite copiar em si as modas excentricas das semi-mundanas; a simplicidade será sempre uma prova de bom gosto, que honrará sempre a mulher num seculo em que «as duquezas se vestem de lã, e andam a pé,» em quanto as cortezãs enfatuadas se pavoneam vistosas equipagens.

*

O nosso seculo precisa tambem da *mulher que ama*.

Amar! que sentimento mais forte, mais bello, mais encantador! Amar! é o sentimento mais divino que existe no coração do homem, e o mais necessario para a sua felicidade!

Em vão possuirá gloria, riquezas, poder, se não ama, nem é amada, nunca poderá ser feliz! Pela sensibilidade do seu coração, delicadeza de suas impressões e ternura da sua alma, a mulher é o ser mais acessivel a este sentimento divino. E' um thesouro que Deus depositou no seu coração, e que os paes devem guardar com extremo cuidado. Não deve ficar encerrado e improductivo, mas é necessario vêr a quem se abre e dirigir util e habilmente a sua distribuição.

E' a Deus e depois á familia que devem dirigir-se as suas primeiras manifestações. A creança deve começar por amar a sua mãe, que primeiro a amou, e lhe ensina a querer a todos os seus a quem mais tarde terá que se sacrificar. Depois ao passo que vae crescendo em edade é

aos pequenos, aos pobres, e aos que soffrem a quem deve dedicar todos os seus affectos, evitando por todo o preço de profanar e prostituir o seu amor em objectos indignos.

O amor dos que soffrem será o melhor conselheiro da educação da jovem, a melhor correção dos seus defeitos, o fim mais nobre da sua actividade, e o mais elevado estimulo ás suas boas qualidades. Na edade dos sonhos e enthusiasmos juvenis, é este o melhor meio de desenvolver tudo o que no seu coração ha de sublime e generoso. Aprenderá assim a sacrificar-se pelos outros, o que tambem terá de fazer mais tarde, quando Deus lhe confiar o cuidado de seus filhos, e então conquistará mais um encanto no exercicio da caridade, que deve ser o seu alvo em toda a sua vida e em todas as circumstancias em que se encontrar.

A missão da mulher é tambem consolar. Deve consolar a todos, tanto a sua familia, como todos os que soffrem. Longe de se meter em lutas, deve reparar os desastres que d'ellas possam resultar, segundo os meios que a Providencia lhe deu e na medida das suas forças.

Os homens inventam armas com que sem perigo possam tirar a vida a seus inimigos, a mulher estuda os meios que tornam a vida feliz e o balsamo que cicatrise as feridas. Os homens deixam-se levar pelas discussões, e procuram excessivas revindictas; a mulher evita a palavra que fere, acalma as discussões que dividem, e com suas maneiras dôces, concilia tudo.

Não é por ventura o temor de não ser amado que aparta tantos homens do matrimonio? Que afeição séria, que sentimento profundo, podem elles esperar d'uma jovem, adulada por seus paes, adorada como um idolo, e que se eleva a toda a gente curvada sob o jugo do seu incommensuravel egoismo? Que dedicação se pode esperar da jovem, que nunca se ocupou senão de si mesma; dos seus prazeres, dos seus caprichos, que espera sem pestanejar os cumprimentos mais extravagantes, e vê com maus olhos os que lhe offerecem este incenso, que julga devido ás suas graças e belleza?

Só um insensato é que irá escolher ás reuniões mundanas, a esposa com que deve passar toda a sua vida, em que ha tão poucas alegrias e tantos soffrimentos. E' a este junto ao leito d'um pae enfermo, d'uma avó rabugenta que se deve ir estudar o caracter d'aquella que se quer tornar nossa companheira; o nosso juizo será mais seguro nestas circumstancias, do que no meio dos redemoinhos do baile.

Quantas jovens que no meio do mundo parecem ter a simplicidade da pomba, que em casa são insuportaveis! A noiva d'e hoje é procurada e para a adquirir empregam-se todas as seduções; o marido de amanhã terá que ser conquisdo. E se amanhã se lembrar de recordar á sua companheira de baile de hontem, que a vida não é uma festa perpetua, que o governo da casa é dever grave e pesado, talvez encontre nella uma furia em vez do anjo de seus sonhos d'outrora.

Resoluções das Congregações Romanas

Da Sagrada Inquisição

Da forma do Sacramento da Extrema Uncção em caso de necessidade

Como a Sagrada Congregação da Inquisição fosse rogada para determinar uma formula breve a poder usar-se *in casu mortis imminentis* os Reverendissimos Padres, Inquisidores geraes, depois de pensarem maduramente o assumpto e tendo pedido o voto aos Consultores decretaram bastar em caso de verdadeira necessidade a formula: *Per istam sanctam unctionem indulgeat tibi Dominus quidquid deliquisti. Amen.*

Quarta-feira, 25 d'Abril de 1906.

No dia seguinte á resolução dos Inquisidores o SS.mo Padre approvou o decreto da Sagrada Congregação.

*

Da Sagrada Congregação dos Ritos

Declara-se que as Congregações da Ordem Terceira que rezam o Officio Parvo de N. Senhora estão comprehendidas no indulto da Missa Votiva Immaculatæ Conceptionis no sabbado.

O Reverendo Padre Francisco Tischler da Ordem dos Capuchinhos na provincia do Tirol Septemtrional expoz á Sagrada Congregação dos Ritos que por um rescripto de 14 de Março do anno corrente a mesma Congregação extendera ás Congregações Religiosas que na recitação das horas canonicas usam do Calendario da Ordem dos Capuchinhos, o privilegio, de que gosa a mesma Ordem, de celebrar missa votiva da Immaculada Conceição

Duvida não obstante se pelos termos *horas canonicas*, possam intender-se todas as Congregações Religiosas, que, quanto á missa, usam do Calendario da Ordem dos Capuchinhos, mas que só rezam o Officio Parvo de N. Senhora?

A Sagrada Congregação respondeu: *Affirmativamente*, conscante o decreto da Ordem dos Menores de 15 d'Abril de 1904 ad I. (1)

25 de Maio de 1906.

*

Da Commissão Biblica

Resolução sobre a authenticidade do Pentateuco

Foram propostas á recente Commissão dos estudos biblicos as seguintes duvidas:

1.º Se os argumentos pelos criticos collec-

(1) O decreto em questão soa assim: Se a faculdade de usar do Calendario Romano-Seraphico concedida pelo Summo Pontifice Pio VI, mediante a Bulla — *Religiosos Ordines* — no dia 6 de Septembro de 1785... se extenda não sómente aos Terceiros d'ambos os sexos, que todos os dias rezam o Officio divino, senão tambem aos que só rezam o Officio parvo de N. Senhora?

Resposta: *affirmativamente.*

cionados no intuito de vir pugnar a authenticidade mosaica dos Livros Sagrados, que vulgarmente veem sob o nome de Pentateuco, são de tanta preponderancia que em face d'elles devam reputar-se de nenhum valor testimunhos collectivamente colhidos em ambos os Testamentos, a antiga e ininterrupta persuasão dos Judeus, a constante tradição da Igreja, bem como os indicios inequivocos que do mesmo contexto sagrado transparecem: — e assim possa com todo o direito affirmar-se não ser Moysés auctor d'estes livros, porquanto procedem elles na sua maxima parte de fontes posteriores a este personagem biblico?

A commissão respondeu: *Negativamente.*

2.º Se para que o Pentateuco possa dizer-se obra de Moysés, seja necessario que elle o redigisse em todas as suas partes, quer escrevendo-o de seu proprio punho, quer dictando-o a amanuenses; ou se se poderá sustentar a hypothese dos que opinam ter Moysés concebido o Pentateuco sob a divina inspiração, commettendo depois a outrem a tarefa de reproduzir fielmente pela escripta suas concepções sem nada omittir nem additar: — de forma a esta obra, assim concebida, redigida e reconhecida pelo mesmo Moysés seu auctor principal e inspirado, poder divulgar-se em seu nome e attribuir-se-lhe como a seu auctor?

Resp. *Negativamente* quanto á primeira parte: *affirmativamente* quanto á segunda.

3.º Se sem detrimento da authenticidade em questão poderá conceder-se que Moysés na redacção de sua obra recorresse a fontes, c. l. a documentos escriptos ou a tradicções oraes, donde, sem deslisar do escopo proposto e sempre sob o influxo da divina inspiração, haurisse alguns conceitos e á letra ou quanto ao sentido, resumidos ou ampliados, os inserisse na sua obra?

Resp. *Affirmativamente.*

4.º Se, salvas *quoad substantiam* a authenticidade e integridade do Pentateuco, se poderá admittir que em tão demorado decurso de seculos este livro soffresse algumas modificações, v. g. addendas depois da morte de Moysés, que seriam feitas por outro auctor inspirado, ou na qualidade de esclarecimento ou glossa inserida no texto: certas formulas e vocabulos antiquados vertidos por outros mais modernos; lições finalmente viciadas por culpa dos amanuenses, a respeito das quaes seja licito mover discussão e formar criterio vario?

Resp. *Affirmativamente* salvo Ecclesiæ judicio.

No dia 27 de Junho de 1906 o Santo Padre, em audiencia dada aos Reverendissimos Consultores da mesma Commissão, approvou estas respostas mandando-as tornar do dominio publico.

Fulcrano Vigouroux P. S. S.

Lourenço Jnasens, O. S. B.

Consultores.

Secção historica

Recolhimento de S. Bernardino da Ordem Terceira de S. Francisco em Aveiro.

VI

Vivia Braz Luiz de Abreu tranquilamente com sua esposa e seus filhos, quando um inesperado incidente veio perturbar o socego d'esta familia, que em Aveiro se julgava feliz e á qual não faltavam os meios.

Nos fins do anno de 1731 ou nos principios do anno immediato, Francisco Luiz de Abreu, que havia percorrido diversos paizes e que então já havia perdido a esposa, voltou a Portugal e usou de diversos nomes para não ser conhecido.

E, para melhor guardar o incognito, fingia pertencer a uma ou outra nacionalidade, nas terras, que ia visitando com o intuito de encontrar o seu filho adoptivo.

Em Ourem e por um feliz acaso encontrou-se com José de Baredo, que havia sido seu condiscipulo, e muito em segredo descobriram mutuamente as suas verdadeiras personalidades.

Receosos da Inquisição, sempre fallavam em segredo e Francisco Luiz de Abreu poude saber pelo seu antigo condiscipulo, não só que Braz Luiz estava em Aveiro, mas tambem as causas, que o haviam obrigado a fixar aqui a sua residencia.

Tambem por elle soube, que D. Maria Cabral, verdadeira mãe de Braz Luiz, havendo ficado viuva, fôra ás terras de Bragança, para ver, se era possivel reivindicar o vinculo e outras propriedades da Casa de Carrazedo, mas que nada poude conseguir, porque o pae havia-a desherdado.

Os dois amigos tomaram a resolução de vir a Aveiro, para procurar Braz Luiz e, para isso, fizeram escala por Coimbra, onde, com mais franqueza e mais livremente, fizeram as suas mutuas confidencias.

Mas ahi teve José de Baredo a triste noticia de que sua esposa estava em perigo de vida.

Desistiram da ideia de virem a Aveiro

e seguiram para Bragança, em cujas proximidades era casa de José de Baredo.

A esposa d'este espirou pouco depois da chegada do marido e do seu companheiro.

Francisco Luiz de Abreu assistiu aos funeraes e, quando reconheceu, que o viuvo estava menos inconsolavel, partiu para Aveiro no intuito de aqui se encontrar com o seu filho adoptivo.

Chegando a esta (então) Villa, recolheu-se n'uma estalagem qualquer, dizendo, que era hespanhol e que se chamava D. José de Aristizaval.

Queixando-se de diversas e graves enfermidades, todas fingidas, fez suppor ás pessoas, com quem tratava, que vinha procurar alivios, passeando nos campos de Aveiro, onde tencionava passar a Primavera de 1732, e utilisando-se das receitas de um medico muito afamado, aqui residente e que se chamava Braz Luiz de Abreu, que elle muito bem conhecia de nome.

Chamado este medico, Francisco Luiz, como tambem o era, soube perfeitamente illudir o seu collega, queixando-se de fingidos achaques.

Braz Luiz receitava e o fingido enfermo, convencendo-o de que tomava os remedios, foi continuando a illudil-o.

Pagava-lhe generosamente e por isso Braz Luiz mais ameudava as visitas.

Depois que se disse curado, desejou conhecer a familia do seu facultativo e começou a frequentar a casa d'este, ora passando ali algumas noites, ora tomando parte em suas refeições.

E, sempre que tinha ensejo, não deixava de brindar essa familia com valiosos presentes de joias, que, para isso, já havia comprado no Porto.

Tambem não deixava de contar-lhe os diversos perigos e incidentes, que soffrera em suas viagens e nas terras, que fora obrigado a percorrer, muito longe da patria e sempre receoso dos empregados da Inquisição.

Egualmente fallou do fallecimento de sua esposa, que elle tanto amara e de quem não podia lembrar-se, sem derramar lagrimas de saudade.

Fallou da morte de Antonio de Sá Mourão, captivo dos Mouros e fallecido na Ilha de S. Domingos, depois de ter em vão deligenciado voltar á Europa.

Por essas e outras conversas e por diversos factos, narrados por Braz Luiz, veio este a saber, que o seu verdadeiro pae era o mesmo Antonio de Sá Mourão e que sua mãe era D. Maria Cabral, que, sob o nome supposto de D. Antonia da Piedade, o havia consultado e á qual não foi possivel prolongar a existencia!

Eram, pois, os seus verdadeiros paes e os paes de D. Josepha Maria de Castro, com quem estava casado, a quem muito amava e de quem tinha os filhos, cujos nomes já ficam indicados!!

Alguns escriptores asseveram, que Antonio de Sá Mourão e sua esposa ainda tiveram outros filhos, que seguiram diversos destinos.

Braz Luiz e D. Josepha, attonitos com o que ficaram sabendo, não tiveram logo a coragem precisa para encararem a triste verdade da sua situação.

Mas era preciso encara-la e era preciso tomar uma resolução conveniente, pois, sendo irmãos, não podiam continuar a viver, como esposos.

*

Braz Luiz dirigiu-se a casa da Auctoridade ecclesiastica, com quem conferenciou até as dez horas da noite, e logo depois d'isso entrou para o Convento de Santo Antonio, da Ordem de S. Francisco.

*

Agora direi os destinos, que tiveram as diversas personagens, que n'esta peripecia tem figurado.

E esses factos não deixam de ser interessantes e por isso passarei a fazer a sua narração.

VII

No dia seguinte, que era o de 25 de Março de 1732, e logo de madrugada, o Guardião e mais dois frades do convento de Santo Antonio, apresentaram-se em casa de D. Josepha. Acompanhavam esta e suas filhas ao Recolhimento ou Conservatorio de S. Bernardino, onde ficaram internadas. Não será mister fazer a narração dos prantos e alaridos, com que D. Josepha e aquellas crianças se viram obrigadas a deixar o mundo tão inopinadamente e quando n'elle esperavam um futuro ridente.

Os filhos foram para o Convento de Santo Antonio, onde e desde a noite antecedente já havia ficado Braz Luiz, que os entregou ao Prelado e a alguns frades mais discretos.

Ficaram e ali continuaram estudando a lingua latina,

Braz Luiz partiu para Lisboa, onde vestido com o habito franciscano, tratou de obter as concessões, que desejava.

Por intervenção de alguns amigos, arranjou relações com a Nunciatura, com a Camara ecclesiastica e com diversos Prelados e até com D. João v.

O Monarcha tinha ouvido contar alguns factos da vida do *Olho de Vidro* e approveitou a occasião de conhecel-o.

Braz Luiz appresentou-se ao Rei, que extranhou vel-o em traje de religioso e lhe perguntou a causa d'isso.

Contou-lh'a e pediu a protecção do Monarcha, não só para a sua ordenação, mas tambem para a conclusão do edificio, destinado ao Recolhimento e porque este podesse ter as condições e a regra de Convento, propriamente dicto.

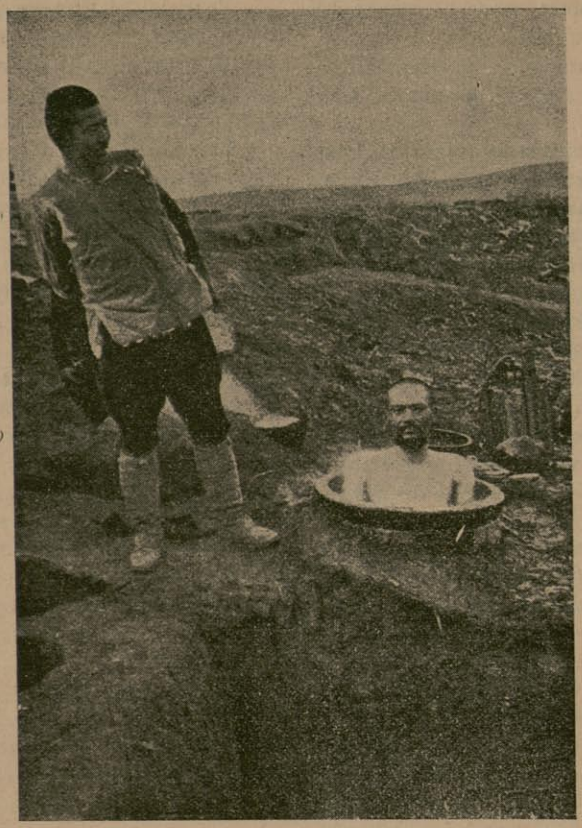
O Monarcha attendendo aos meritos de Braz Luiz, e achando curiosa a sua historia, concedeu para as obras do projectado convento um tanto do rendimento do real de agua n'este concelho e concorreu, para que o mesmo individuo concluisse a sua ordenação com a maxima brevidade.

Effectivamente Braz Luiz poude, no fim de seis meses obter as ordens de presbytero, tendo dado para isso as provas indispensaveis de conhecimentos theologicos e tendo cumprido outras formalidades indispensaveis.

Egualmente obteve o emprego de syndico e de medico do convento e obteve a faculdade de continuar a exercer a medicina.

Voltou para Aveiro, mas resolveu dizer a sua primeira missa em occasião mais solemne.

*



BANHO EM AGUA QUENTE

Francisco Luiz de Abreu, quasi arrependido das suas declarações, foi até Bragança, para dar o adeus de despedida ao seu velho amigo José de Baredo.

Voltou depois para Aveiro, onde pouco se demorou. Depois estabeleceu a sua residencia em Verdemilho, povoação, que d'aqui fica a meia legoa, pouco mais ou menos.

Ali viveu e ali acabou os seus dias sem que ninguem supposesse, que elle pertencia á raça judaica.

Dava muitas esmolas, ensinava muitos remedios e curava gratuitamente muitos enfermos.

E, como frequentes vezes era visitado pelo Padre Braz Luiz, todos os habitantes de Veldemilho o tinham por santo.

*

Este Padre, como syndico do Instituto de S. Bernardino, fallou algumas vezes com D. Josepha, mas no locutorio e de modo, que estes outr'ora conjuges não se viam.

Em 24 de Dezembro de 1734 professou D. Josepha e as suas filhas.

Braz Luiz assistiu ao acto, disse então a sua primeira missa e pregou pela primeira vez.

D. Josepha tomou o nome de Soror Josepha da Cruz.

*

Em Junho de 1735 achou-se ella em artigo de morte e foi-lhe ministrada a Santa Uncção pelo Padre Braz, por ser o syndico do Recolhimento.

Pouco depois espirou. E foi essa a unica vez em que, rosto a rosto, tornaram a ver-se aquelles conjuges!

Anna Maria, a mais velha das filhas, falleceu dois mezes depois. Contava, apenas, dezoito annos.

O Padre Braz, resignado, vivia na casa fronteira e ia escrevendo, alem de outras obras mysticas, *a Luziada sacra*.

Os filhos continuaram no Convento de Santo Antonio, e ahi estudavam humanidades.

Podendo ter saido de Aveiro com elles, não teve coragem para tanto, porque não desejava affastar-se das sepulturas da mulher e d'aquelle filho.

E, tendo-os consultado a respeito do destino, que desejavam tomar, Agostinho escolheu o entrar na Companhia de Jesus, a que depois prestou assignalados serviços; Pedro escolheu o filiar-se na ordem de S. Domingos, em que se tornou notavel.

O pae acompanhou-os a Lisboa e entregou Agostinho no collegio de Santo Antão; e entregou o outro filho no Convento de Bemfica da Ordem dominicana.

Depois foi fallar a El-Rei D. João V, a quem contou os principáes factos da sua vida e os destinos, que tomou a sua numerosa prole.

O Monarcha ouviu-o com interesse e fez-lhe algumas concessões em favor do Recolhimento de S. Bernardino.

*

Em 1739 falleceu Maria da Natividade, segunda filha de Braz Luiz.

Depois de solemnes exequias, foi o seu cadáver enterrado no claustro do Recolhimento e proximo das sepulturas da mãe e do irmão.

No anno immediato (1740) falleceu Thereza de Jesus e o seu cadaver teve um destino egual aos de suas irmãs.

Restavam, pois, duas filhas a Braz Luiz de Abreu.

Dois filhos de Heitor Teixeira de Macedo, capitão-mór de Coimbra e residente em Condeixa a Nova, começaram a frequentar as casas de alguns fidalgos de Aveiro, com os quaes se diriam aparentados. Tiveram occasião de ganhar as sympathias d'aquellas jovens e Antonia Maria e Sebastiana Ignacia fugiram com os seus namorados.

Este facto deu-se poucos dias depois do fallecimento de Thereza de Jesus, o que muito concorreu para augmentar o desgosto, que Braz Luiz teria com isso. E, no entanto, ainda não succumbiu!

Os fugitivos foram para Roma, onde estiveram «até 1750 e onde se casaram, tendo ellas obtido para isso a annullação dos votos.

Assim affirma Camillo Castello Branco. E, se não ha n'esta affirmativa alguma ficção romantica, parece-me haver um puro engano.

As Recolhidas do Instituto de S. Bernardino, (como as de outras casas religiosas do mesmo genero), eram obrigadas aos votos conventuáes, mas só em quanto ali quizessem permanecer.

Querendo, podiam sair, e ficavam unicamente ligadas á Ordem Terceira de S. Francisco, assim como ficam os Terceiros seculares, que podem professar em qualquer estado ou casarem-se depois de haverem professado.

E, no mesmo caso estavam algumas das Recolhidas do extincto Mosteiro da Madre de Deus (vulgo Convento de Sá) d'esta Cidade, especialmente das que se destinavam ao serviço do Côro.

*

Vinte dias depois da fugida d'aquellas duas Recolhidas, fallecia em Verdemilho Francisco Luiz de Abreu.

Como o Padre Braz lhe assistiu á morte e muitas horas antes esteve fallando com o moribundo, julgou o povo d'aquella terra, que elle se confessára e morrera como bom christão e, por isso, acompanhou o seu cadaver á sepultura e foram resadas por sua alma as orações, indicadas no ritual.

O Padre Braz ficou entregue dos dinheiros de Francisco Luiz, que ainda eram valiosos. E, segundo a ultima vontade do defuncto distribuiu alguns pelos pobres de Verdemilho; e deu outras á Misericordia

de Aveiro e á Albergaria, chamada de S. Braz, fundada por Fernão Vaz de Agamide, proximamente á Egreja matriz, dedicada a S. Miguel e não á de S. Braz, como por engano tambem affirma aquelle romancista.

*

O Jesuita Agostinho de Abreu morreu victima da sua dedicação. No terremoto de Novembro de 1755 e quando prestava humanitarios serviços, ficou esmagado por um predio dos que então desabaram!

E o Padre Braz Luiz ainda teve a coragem para supportar o desgosto, que lhe devia causar a noticia de tão triste acontecimento.

*

* *

Em 10 de Agosto de 1756 estava elle na sua residencia, tendo-se confessado na vespera. Sentado n'uma cadeira, ahi falleceu repentinamente.

No dia seguinte e na Egreja do Recolhimento de S. Bernardino foram-lhe feitas solemnes exequias, ás quaes alem de numeroso clero, assistiu gratuitamente a Collegiada da Egreja Matriz.

Assim o affirmam os livros dos obitos da freguezia de S. Miguel e o do Priostado do Côro da mesma egreja.

O cadaver do Padre Braz Luiz de Abreu foi enterrado na capella-mór da Egreja do mesmo Recolhimento.

O filho, que lhe sobrevivera, o dominico Frei Pedro de Abreu, exerceu importantes cargos na sua Ordem e chegou ao de qualificador do Santo Officio.

Não sei, se tambem lhe sobreviveram as filhas, que deixaram o Recolhimento, assim como não sei, se tiveram descendencia.

O Padre Braz Luiz, segundo creio, não chegou a publicar, depois da sua ordenação, outra obra, alem da que se intitula: «O Ceu aberto no Templo ou o Templo aberto no Ceu, para Theatro espiritual de... umas sortes... applicadas por tenção de todos os devotos e Bemfeitores do Conservatorio das Capuchinhas ou Terceiras descalças... de S. Bernardino da muito nobre e notavel Villa de Aveiro.»

Este livro, cujo titulo não copiei integralmente, por que é muito grande, foi concluido em 1745 e, com todas as licenças necessarias, foi impresso no anno immediato, em Coimbra na officina de Antonio Simões Ferreira, Impressor da Universidade.

O auctor assigna-se Luis Barba e Sudré. E, como se declara Syndico do mesmo Conservatorio não resta duvida, de que tal nome é o anagramma de Braz Luiz de Abreu.

Essa obra é uma collecção de meditações piedosas, que não deixam de ter merecimento, tanto pelo estyllo, como pelas illustrações historicas, que as acompanham.

Diz aquelle Padre, que tendo adquirido furtivamente aquellas *Sórtes*, as publicára em beneficio do Conservatorio, cujos meios, já iam escaceando.

Se não o diz por simples modestia, não me parece em attribuir a obra ao Licenciado João de Oliveira de Affonseca, de quem já se tem fallado e que, alem de ter sido um grande protector d'esta casa religiosa, muito concorreu para a sua fundação.

Essa collecção de sortes é precedida de diversas considerações e de um resumo na historia da edificação do templo; das obras do edificio, habitado pelas Recolhidas; e dos recursos e esmolas, que ellas alcançaram, tanto para a sua subsistencia, como para as mesmas obras.

Aveiro.

(Continúa).

RANGEL DE QUADROS.

PENSAMENTOS

Um dos deveres do jornalista catholico é não occultar as verdades desagradaveis da historia, mesmo da historia contemporanea. A *élite* tem o direito de saber tudo e o dever de tudo apprender.

LAPEYRE.

*

Em vez de fazer por justificar os homens, com risco de acusar a Providencia, é mister procurar justificar a Providencia, ainda que se tenha de proferir o *mea culpa*, base necessaria de toda a renovação moral,

LAPEYRE.

Se a lei do trabalho fosse observada por todos e em toda a parte a questão operaria nem sequer teria razão de ser.

LAPEYRE.

*

Fóra da Igreja não ha perdão para os peccados, não ha entrada na vida, não ha salvação.

CALVINO.

*

Minha mãi, declaro-vos, convictamente, que a doutrina protestante é mais cómoda; mas a doutrina da Igreja catholica é mais segura para a salvação.

Palavras de MELANCTON a sua mãi moribunda.

*

O verdadeiro homem de Deus é suave para com os outros e rigoroso consigo.

SANTA THEREZA.

*

Maria Santissima tem á sua disposição um tesoiro inexgotavel de bens da natureza, da fortuna e da graça, de bens espirituaes, temporaes e eternos. Para no-los dar, espera apenas que lhos vamos pedir. E' Ella a dispensadora de todos os dons.

P. M. DAS CHAGAS.

ANECDOTAS

Um senador francês, Michel Renand, excellente catholico, alugára num hotel de Paris, dois aposentos pagando adiantados 150 francos.

Perguntando-lhe o dono se queria o recibo daquella quantia respondeu o senador:

— Não senhor. Deus bem nos vê.

— Mas que tem Deus que vêr com isto?

— Dar-se-á o caso de o senhor não crer em Deus?!...

— Com franqueza, disse o homem, é coisa com que não me preoccupo.

— N'esse caso, replicou o senador, queira dar-me sem demora o recibo dos 150 francos...

*

Entre um livre pensador e o seu parocho:

— Eu não me confesso, meu caro padre, pela simples razão de que não peco.

— Pois, meu amigo, disse o parocho, está muito bem. Até agora, apenas se conhecem duas classes de pessoas qne não pecam.

— Quais são ellas, interrogou o livre pensador, com um sorriso de desdem?

— As que ainda não chegaram ao uso da razão e as que tiveram a desgraça de a perder.

*

Certo dia de grande concorrencia, achando-se um sacerdote na estação do caminho de ferro, ao aproximar-se da bilheteira, ouviu esta á queima-roupa:

— Tire-se d'aqui! Para traz! Já cá estava antes do senhor, vociferou um sujeito.

— E' possivel que assim seja, respondeu o padre, eu porém, estava certo de ter chegado primeiro.

— Não, senhor, não chegou tal, retorquiu o outro com aspereza. Pertence-me a mim. Aqui, como no confissionario: — cada um por sua vez e dinheiro á vista...

— Já pagou alguma coisa no confessionario?

— Sim, senhor, que paguei e não foi bagatella nenhuma.

— Nesse caso, tanto peior para o senhor. No confessionario não se paga senão para restituir o que se roubou.

Uma franca gargalhada de toda a assistencia coroou as palavras do sacerdote, e o homenzinho retirou-se chamuscado pela fumaça.

Leituras amenas

DIAS DE FELICIDADE

VII

A conferencia

O conde recebera delicadamente a marqueza de Azemel. O Padre Antonio ia retirar-se quando Leonor levantando-se da cadeira onde se sentára, se oppôz á saida, dizendo:

— Não se incommode snr. Padre Antonio peço-lhe que fique. A marqueza dá licença, não é verdade? — accrescentou ella dirigindo-se para a sua *salvadôra*.

— Porque não? — respondeu a marqueza com um requintado accento de ternura e de franqueza; — eu mesmo lh'o peço, snr. Padre Antonio.

O Padre comprehendeu do que se tratava.

O conde, pelas ultimas palavras da marqueza percebera tudo tambem e lançou um olhar de fogo para Leonor, que se arrepiou toda só de vêl-o. Foi o bastante para elle chamar a si toda a rudeza de coração que o caracterisava, afim de oppor a qualquer pedido um — não — formidando e irrevogavel.

— Senhores, — dissera o Padre Anto-

nio — sinto necessidade de ficar. Parece que a Providencia nos reuniu a todos aqui.

O Padre dizia isto com toda a convicção da sua alma. A sua auctoridade era tanta que o conde não se atreveu a contradizel-o, apezar da longa conferencia que antes tivera com elle, ácerca do mesmo assumpto, attribuindo-lhe as responsabilidades na desobediencia de sua filha, mas occultando o seu designio de a enviar para o convento. O Padre defendera-se victoriosamente, terminando por despedir-se para nunca mais entrar em casa do snr. conde de Aguazil. Era o que o conde desejava.

— Menos um tropeço — pensava elle — para obter o resultado pretendido.

Desta vez, porém, ainda o Padre ficára. E isto importava muito, mas de differente modo, a Leonor e a seu Pai. Uma só pessoa era indifferente: a marqueza.

Esta tomou a liberdade de expôr a questão, tal como o leitor a conhece intervindo no fim com a sua auctoridade de amiga de Leonor e admiradora do conde para que este desistisse do seu proposito.

— Senhora, — respondeu magestosa e terminantemente o conde — é-me impossivel acceder ao seu delicado pedido. Sou pai. E a minha auctoridade, não a quero vêr calcada aos pés de uma filha desobediente e mal educada.

Leonor ia para falar. O Padre porém, com um gesto, impoz-lhe silencio e prudencia.

A marqueza respondeu:

— Mas, senhor conde, como póde V. Ex.ª enterrar, em vida, uma pessoa na qual gira o sangue nobre, da illustre familia dos Aguazis?

— Enterra-se, sepulta-se ella; não sou eu que a mato.

— Como? Pois Leonor não me disse tudo quando ha pouco a fui encontrar lá em cima debulhada em lagrimas?

— Tudo, — respondeu seccamente Leonor.

— Tudo... e mais alguma coisa, accrescentou o conde.

— Mas, — volveu a marqueza — eu não comprehendo...

— Senhora marqueza de Azemel, — disse o conde, já pouco socegado — as condicções estão postas. Ou casar-se com Luiz Maroto, ou amanhã mesmo partir para o Porto.

A marqueza calou-se.

Leonor confrangia-se, maximamente ao vêr o silencio do Padre Antonio. Este, porém, erguendo-se magestoso e sereno com um olhar de brandura para todos e de compaixão para a marqueza que já conhecia, disse compassada e solemnemente:

— Ha um Deus no céu de justiça infinita... Este Deus vê tudo... Prescruta os corações... Percebe as intenções... porque está em toda a parte.

Em nome desse Deus, de quem eu sou o mais obscuro ministro, digo-lhes, senhores, que, se na terra não ha justiça, ha de havel-a no céu.

Acabo de assistir a uma das scenas que mais me revoltam, que mais me incèndeiam o meu coração de Padre, em casas que, como esta, ostentam titulos e brazões.

Senhora marqueza, V. Ex.ª veio comprometter esta innocente.

Senhor conde: acaba de pronunciar palavras de uma injustiça horripilante e cruel. O coração de sua filha não lhe pertence. E' d'ella. Póde entregal-o a quem quizer.

Dito isto o Padre Antonio tomou o chapeu e dirigiu-se vagarosamente para a porta. Todos ficaram como que attonitos e espavoridos. Já da porta, o Padre saudou-os dizendo:

— Que Deus os proteja, senhores. E saíu.

— Maldito frade! — rosnou algum tanto depois o conde.

E tudo ficou em silencio.

— Pois juro, — continuou elle — por quem sou, que não tornarás e entrar n'esta casa. E a V. Ex.ª Snr.ª Marqueza, tenho a responder: Indeferido o seu pedido. A ti, filha ingrata: retire-se.

Leonor levantou-se com as lagrimas nos olhos. Deu um beijo de despedida na marqueza e saiu.

Ficaram ambos em silencio; a marqueza, porém, passados momentos, como que tranformada pelas palavras do Padre Antonio, disse:

— Snr. conde, ouçamos a voz d'aquelle santo homem.

— Não posso, senhora.

— E' justo...

— Não posso...

— Sua filha não póde casar-se com Luiz Maroto.

— Ha de casar-se ou vai para um convento. .

— Por piedade, snr. conde.

— *Nunca a tive* e muito menos agora. . Isto foi dito com um cinismo tal que a marqueza levantou-se, despediu-se do conde e saiu.

Caiu tudo em profundo silencio. Eram 6 horas da tarde.

VIII

Dialogo nocturno

O leitor certamente pensa que nada mais temos que vêr com o dia 27 de maio de 1851. Engana-se. Por certo, porque a descripção das scenas anteriores lhe causou somno e foi deitar-se á hora das galinhas.

Se tivesse sido um pouco mais vigilante teria visto ás 11 horas da noite, junto do Palacio do conde, dois vultos, dos quais um — o mais magro — cabia por inteiro dentro do seu pançudo e rotundo interlocutor. Eram Luiz Maroto e o Joaquim.

O Joaquim, sempre vigilante e attento, ouvira toda a conversa que ultimamente se travara no escriptorio de seu amo. E aquillo, para elle, era a maior alegria, a mais agradavel surpreza, a ultima felicidade. Equivalia ao tlintar de algumas moedas no seu magro bolso — a unica coisa que tinha magra! — e que elle ganhava com toda a finura e arte de escutar, em beneficio do seu *intimo* amigo, Luiz Alves Maroto.

Que empenho tinha Luiz Maroto em saber aquellas coisas? O de um apaixonado? O leitor bem sabe que não. Luiz era incapaz de se apaixonar por nada d'este mundo que não fosse dinheiro ou prazer.

— Que me contas, Joaquim? — dissera elle logo que viu o hypocrita do creado.

— Que corre tudo muito bem... pela parte do conde. A rapariga é que está levadinha de seiscentos. Não quer e não ha quem lhe arranque uma palavra de consentimento. O mal é para ella. Vai malhar co'os ossos n'algum convento de freiraças velhas, que a levam mil diabos...

E o Joaquim contou tudo o que ouvira.

— Pois não sei que lhe faça — concluiu o Luiz. — Ella commigo não quer casar; e a *dinheirama* por ahi não corre... Visto isso, o melhor, — sabes? é que ella se case com o pelintra do alferes e deixa correr que eu cá m'arranjo. Amanhã falo com o conde.

— Nada, nada; não póde ser. — retorquiu o finorio do Joaquim, para vêr se o outro lhe revelava o novo plano d'ataque. — Aquillo é passaro gordo. Não se podem perder assim os 50 contos...

— Tá, tá, tá!... ainda ahi estás!... Tu não sabes ainda da missa a metade. Então aquelle papel que tu me déste, e aquella carta que eu lhe entreguei não me haviam de servir de nada? Olé se serviram.

E aqui o Luiz chegou-se mais para junto do Joaquim e disse-lhe algumas palavras em segredo, que o deixaram ficar estupefacto. Se o Joaquim fingia ou não, não sei; o certo é que elle exclamou:

— Isso é lá verdade, homem?

— E' o que te digo, — confirmou o Luiz —; mas é preciso arranjar tudo quanto antes...

— Elle vem cá amanhã.

— Ora ahi está uma bella occasião...

— E vem ás 9.

— Melhor ainda...

— Mas eu não te comprehendo.

— Espera. Não fervas em pouca agua. Ouve lá, mas... caluda — accrescentou o Luiz pondo o indicador na ponta do seu nariz vermelho e algum tanto arrebicado —: Tu, amanhã, abres aquella cortina do escriptorio do conde...

— Qual cortina?

— A vermelha, bruto, a que está em frente da escrevaninha d'elle...

— Vamos a ver o que d'ahi sai...

— O que ha de sair? Abrel-a e... deixa correr.

— Sim; isso é muito facil de dizer. E as *ordes* do conde?

— Manda-as de presente ao diabo. Então não és capaz de fingir que te esqueceste de a correr?

— La isso sou, mas...

— Cala-te, tolo. Lá vens tu agora com difficuldades...

— Pois sim...

— O conde nem pensa n'isso, homem. Depois da historia toda ha de tratar mas é de abafar tudo do melhor modo que

pudér, enquanto eu... hei de fazer o possivel por que ella se divulgue.

— Porquê?

— Isso agora... cá por coisas.

— Olha que é uma grande entaladella.

— E', é. Mas isso mesmo é que eu quero. Sabes o que eu preciso? E' de dinheiro para fazer andar isto p'ra deante...

— E queres que eu t'o dê?!

— Trezentos mil reis só...

— Só? Não queres mais nada?

— Então cem. Mas querem-se logo de manhã.

— E os outros cem que levaste outro dia?

— Ora, ora... onde isso vai...

— Bem; vamos a vêr.

— Não é: vamos a vêr. Logo de manhã cedo quero o dinheiro no bolso. Estou aqui ás 6 horas.

— Ha de se arranjar.

— Bem. Mas não te esqueças da cortina ouviste? Olha que, sem isso, não se faz nada. Eu venho cá falar com o homem lá para as 8 horas.

— Está dito.

— Adeus.

E o Luiz poz-se a andar apressadamente pela rua acima todo contente, enquanto o Joaquim entrava cautelosamente em casa, em direcção ao seu quarto de dormir...

Quem quizer comprehender alguma coisa deste rapido diálogo precisa de entrar já no escriptorio do conde.

Não se extranhará que nós, com os privilegios que gosamos, entremos a estas horas no escriptorio, sózinhos, para sabermos o que elle contem.

Logo no primeiro andar da casa, ao lado esquerdo de quem sobe as escadas, abre-se uma grande porta: é a que dá entrada para o escriptorio. Em frente desta porta, abrem-se, na parede fronteira, duas amplas janellas adornadas com lindos cortinados de renda.

Voltados para ellas, fica-nos, ao lado esquerdo a escrevaninha do conde cuja gaveta ainda se não pôde abrir. Do lado direito, veem-se duas estantes de vidro onde se guardam alguns livros em perenne repoiso e, no meio d'ellas, está a tal cortina em que falava Luiz Maroto, que se conserva invariavelmente corrida, por ordem expressa e terminante do conde, sem que nenhum visitante possa sonhar o que ella occulta. Nem mesmo nós poderemos saber ao certo o que é, porque estamos ás escuras alumiados apenas pelo palido clarão do luar que escassamente se côa pelas vidraças das janellas.

Parece, contudo, um grande quadro, com um caixilho emoldurado...

Porque ordenára o conde que se conservasse corrida a cortina?

Que desejava obter o Luiz com as ordens que déra ao Joaquim?

Somos neste ponto tão ignorantes como o leitor. Não possuimos ainda o maravilhoso condão de penetrar o pensamento alheio. E quantas vezes um raio X applicado em cheio n'uma testa ampla nos não revelaria pensamentos banais, trivialidades, porcarias cujo conhecimento nos seria de summa utilidade?! Mas Deus, que nos fez opacos de cabeça, entendeu que nem tudo se devia saber antes do tempo.

Contente-se, pois, o leitor, como nós, se os acontecimentos lhe desvendarem estes mysterios que se encerram em cabeças tão immundas como as do conde, do Joaquim e do Luiz.

(Continua).

INSECTOS

XIX

AS FORMIGAS

Suas guerras

O que ha de mais raro e maravilhoso nas formigas é, sem duvida, o seu poderoso instincto de sociabilidade.

Raras vezes se encontra um formigueiro completamente só e quando assim succede, é tal a sua organisação politica e administrativa, que bem lhe podiamos chamar uma verdadeira *cidade livre*, onde a industria florescente e uma policia esmerada fazem d'elle um povo feliz e modelar. Quase sempre, porém, se grupam em colonias mais ou menos numerosas ligadas por fortes vinculos de amisade, de *interesses comerciaes*, ou por outros respeitos da mais alta *politica*.

Da mesma sorte que as sociedades humanas, as formigas constituem por toda a parte, povoando todo o universo, familias numerosissimas, cidades e nações muito populosas e ricas, ás vezes imperios poderosissimos ou republicas extensissimas, de algumas dezenas de metros quadrados.

Ciosas como são de sua independencia trazem muito bem guardadas as fronteiras, luctando tenazmente pela sua liberdade quando forças exteriores ameaçam escravisal-as, sendo então duma solidariedade a toda a prova.

Como porém nunca são bem definidos os limites de seus respectivos territorios, suscitam-se não poucas vezes guerras exterminadoras entre estas em apparencia tão exiguas nações, guerras sangrentas e atrozes, guerras tão gigantescas que mereceram um epico qual outras raças não tiveram. Esse cantor dos mavorcios feitos das formigas foi Huber, o mais apaixonado admirador dos *insectos*.

Vamos ao campo. Observemos uma lucta, um duello formidavel de duas colonias de formigas em guerra, que se á primeira vista nos pareceria uma cousa insignificante e desprezivel, não o é certamente, mas antes summamente interessante e curioso para quem sabe avaliar e apreciar as bellezas surprehendentes e infinitamente variadas e interessantes que a natureza a cada passo e em cada ser e em cada phenomeno nos offerece. Uma alma apaixonada pelas bellezas e maravilhas da creação, extasia-se ante as grandes manifestações da sabedoria de seu auctor, que tanto mais claramente se nos revela quanto mais insignificante é o objecto em que se manifesta.

Que ordem e que perfeição em todo o universo! Que harmonia e admiravel disposição em cada ser que o povôa! Que instinctos tão poderosos, que faculdades tão perfeitas donde procedem combinações tão acertadas, tramas tão complicados e cheios d'ordem, de que o Creador foi tão prodigo ainda para com os infimos seres da creação!

Mas vejamos o que se passa no meio do campo onde as feras, as aves e os insectos imperam como reis em seus estados.

Ha uma extensa planicie. Quase a um dos anglos fervilha um enorme formigueiro. E' uma grande cidade repleta de povo intelligente e rico, é nada menos que a capital d'uma nação autonoma e poderosissima, composta toda destes insectos industriosos e *sociaes*.

Não está só, rodeiam no outros formigueiros mais pequenos, mas bem povoados, espalhados por toda a campina. São outras tantas cidades sujeitas á primeira que é a metropole d'esta poderosa nação.

O trabalho e a industria nacional são a riqueza d'esta grande republica, como o são de todos os povos que exploram devidamente estas duas fontes de riqueza.

Proximo ha uma collina. Em toda ella se levantam da terra numerosos e povoados formigueiros, da mesma especie que os da planicie, mas inimigos natos, porque constituem outra nação independente da primeira.

Temos pois campesinos e montanhezes postos em frente.

Os instinctos das formigas levam-nas a percorrer todo o seu territorio em busca de mantimentos, e como a delimitação dos respectivos estados não está bem definida são faceis as incursões e violações de *direito*. Ora as formigas não perdoam facilmente estas offensas a sua nacionalidade, havendo por isso logo serias complicações e quase sempre é declarada a guerra a todo o transe.

Em taes circunstancias se encontram agora as duas republicas, que nos vão offerecer o mais novo e singular expectaculo, a mais extranha e curiosa das guerras.

Foram declaradas as hostilidades. Toda a colonia se comoveu, agitaram-se todos os bandos e tudo se preoccupou com o novo estado de cousas. As vigias são mais assiduas, rendem-se mais a miudo e ao menor signal de perigo alarmam-se todas e todas se põem em movimento e sobresalto. Ha conferencias e entrevistas entre os chefes das principaes cidades alliadas, tudo se prepara para a guerra e guerra formidavel. Aqui não ha nobres *fidalgos* ou covardes; todos se unem sem distincção para defender e servir a patria, assim como todos compartirão igualmente os louros da victoria ou os azares da fortuna.

Dividem-se as occupações, cada uma toma seu posto. Umas ficam de guarda aos filhos ou postadas ás portas da cidade para rechaçar o inimigo ou obstar a qualquer invasão inesperada; as demais formarão a expedição que ha de ir ao encontro do inimigo.

Ha entre ellas uma classe de formigas chamadas *amazonas*, os soldados que atraz descrevemos, que se occupam exclusivamente da guerra, e são as que decidirão da sorte do exercito que, alem d'ellas, se comporá de todas as que poderem acompanhal-as ao campo de batalha.

Levam tambem seu corpo de reserva destinado a reforçar os batalhões mais fracos, enfermeiros, sapadores, outras que vigiam e transmittem as ordens do quartel general, outras que conduzem e guardam os prisioneiros.

E' de tarde que fazem suas expedições bellicas, ordinariamente entre as duas e as cinco horas da tarde. De manhã nunca foram vistas no campo de batalha.

O exercito organisa-se com a maxima regularidade e conforme ás prescripções da *tactica militar*. Os commandantes e chefes das diversas patrulhas dão suas ordens, entram e saem dos quarteis repetidas vezes, tacteiam-se com as antennas, parece fazerem certas combinações, tornam a entrar bruscamente no formigueiro convertido agora em castello ou cidade fortificada e em estado de guerra.

Sai então cada chefe com seu batalhão e posta-se á entrada do *quartel;* desfilam uns apoz outros e põem-se em ordem de marcha. As *amazonas* vão á frente, são ellas que hão de suster os primeiros embates do contendor. Na recta-guarda desfilam grandes bandos de obreiras, soldados bizonhos e pouco experimentados que nunca chegarão aos primeiros graus da milicia, que é reservado ás *amazonas* e é pererogativa hereditaria. Essas compõem o numero sufficiente de serventes sempre ás ordens para todas as necessidades da guerra. São ellas tambem que, por meios ardilosos decidem um duello entre duas *amazonas* inimigas, arrebatam e guardam os prisioneiros ou executam suas depredações no arraial inimigo.

Está tudo preparado para marchar ao encontro do inimigo, tomaram todas as providencias, está cada uma em seu posto.

Os chefes deixam então suas insignias; expirou seu poder logo que se organisou o exercito. Teem isto de particular os combates das formigas: não podem luctar senão em combate singular, exclusivamente em duello entre dois ini-

migos e desta sorte para que serviriam os chefes ? O instincto supre toda a direcção possivel. Todos reconhecem perfeitamente companheiras e inimigas, e isto basta.

Os batalhões da vanguarda que se compõem das *amazonas* são os que dirigem os movimentos, por turnos, renovando-se cantinuamente até ao acampamento inimigo.

São duas horas da tarde e, sem esperar signal especial, tudo se põe em marcha.

Muitas d'estas expedições contam poucos soldados, quinhentos ou seiscentos, pouco mais ou menos, como teve a paciencia de o contar o naturalista Forel. Os mais regulares, porém, compõem-se de mil ou dois mil expedicionarios. O exercito que vamos seguindo deve contar mil e oito centos combatentes, com pouca differença.

A rapidez da marcha varia muito com a temperatura e com o numero dos combatentes. Quanto maior é o calor e mais pequeno o exercito mais veloz é a marcha.

O nosso exercito, favorecido por uma forte temperatura, caminha dois metros por minuto ou seja cento e vinte metros por hora, o que é realmente demais attento o numero e tamanho dos individuos. Uma hora é portanto sufficiente para que esta legião atravesse toda a sua republica e leve ás fronteiras da nação visinha a guerra e o exterminio.

PRAÇA DO ALMADA (POVOA DE VARZIM)

Mas ao encontro d'esta hoste tão aguerrida vem outra não menos luzida e valente é a da collina que vem costa abaixo apresentar-lhe batalha.

Estão os dois exercitos em frente um do outro e preparam-se para o combate.

Postos em linha formam colunas cerradas, e a reserva extende-se por grande espaço desde o campo da peleja em direção aos respectivos formigueiros.

Dá-se ordem de batalha; o embate é formidavel. Atiram-se bruscamente, desordenadamente, com uma furia incrivel os dois exercitos inimigos! Cada qual arroja-se a seu contrario com aspecto medonho e feroz, as mandibulas abertas, as fauces escancaradas, rasgando e despedaçando a victima de sua vingança e crueldade! Não ha misericordia para os vencidos e fracos; é uma guerra de exterminio, de devastação e morte!

O primeiro embate foi confuso e desordenado, mas bem depressa tomou novo aspeto a peleja.

Divididas em grupos de duas a duas, luctam peito a peito em duello horroroso, atacando com mandibulas de aço a contraria pelas partes mais sensiveis e descobertas.

«O campo da batalha, diz Huber, desenrola-se no ambito de dois a tres pés quadrados, cheio de mortos e feridos, exhalando um cheiro penetrante. Aqui e alem travam-se ainda combates singulares; a luta *recomeça* entre duas formigas que se prendem pelas mandibulas, erguidas nas patas trazeiras. A breve trecho as duas adversarias estreitamente cingidas rolam no pó. As duas atheletas recebem logo soccorro, vendo-se filas de seis a dez formigas, agarradas uma ás outras, puxando as duas adversarias cada uma para seu lado, até que uma d'ellas larga ou seja arrastada por uma força superior.

«Ao cair da noite os dois exercitos operam a retirada e recolhem aos formigueiros.

«Outras levam as prisioneiras, não sem ardua resistencia por parte d'ellas receiando o destino cruel que as ameaça logo que cheguem ao formigueiro inimigo.»

Conta Hanhart de Basileia que numa de suas observações, a este respeito viu, com grande admiração sua, que em ambos os exercitos eram guardadas as prisioneiras e feridas, com summo cuidado e vigilancia, por certas formigas especialmente encarregadas deste mister, conservando-se quanto possivel na rectaguarda das linhas dos combatentes.

Por mais extranho que isto pareça, não deixa de ser um facto, que tambem tive occasião de observar em um destes combates que presenciei no verão passado.

A peleja estava travada entre quatro formigueiros inimigos. O primeira, do lado do norte, distava do campo de acção trinta e cinco palmos. O segundo, alliado d'este, distava apenas dezeseis palmos. Do lado opposto partiam os outros dois tambem alliados Um estava afastado do campo da batalha vinte e oito palmos; o outro apenas quatorze.

O campo da peleja propriamente dicto tinha tres palmos e meio de comprido e dois de largo. Este ambito estava completamente coalhado de formigas pelejando com furia e ardor.

Um cheiro penetrante e forte enchia o ambiente em volta do campo da batalha. Era o acido formico que ellas segregavam a jorros, e de que nos fala Huber na passagem citada.

Não sei o que as moveu a uma guerra tão desastrosa nem quando começou a peleja. Quando as topei já estavam em renhido e furioso duell

que só terminou pela volta das quatro e meia da tarde.

Duas cousas notaveis pude observar nesta acção bellica.

Uma era o enorme corpo de reserva que os alliados do norte conservavam na recta-guarda e que continuamente iam reforçando as fileiras de seu exercito. O espaço que occupavam media oito palmos de comprimento por dois de largura.

As alliadas do sul, que não possuiam reserva pelo seu pequeno numero foram vencidas e feitas todas prisioneiras.

Não me foi difficil verificar este facto, porque vendo que estas iam rareando mais e mais, puz todo o cuidado em ver que destino lhe davam as vencedoras. Vi então que as iam levando, juntamente com as feridas, para debaixo de umas folhas de couve que por ali estavam pelo chão, e aí as guardavam com muito cuidado e vigilancia. No momento em que levanteias folhas, todas se sobresaltaram, e umas fugiram e poseram as outras em liberdade.

Não sei se as vencedoras tornaram a recuperar as prisioneiras, o que notei no dia seguinte foi que dos dois formigueiros do sul nem vestigios encontrei, ao passo que os do norte pareciam mais povoados e vigorosos.

Mas voltando aos dois exercitos que deixamos pelejando nas faldas da *collina*, que se passará entre elles? Não se declarou a victoria para nenhuma das partes. Todos pelejaram com brio e desprezo da vida, mas a noite surprehendeu-as, e, não havendo um Josué que fizesse parar o sol, voltaram aos arraiaes.

No dia seguinte pela tarde renovou-se a mesma scena, e o exterminio e matança cruel repetiram-se com mais ardor, e a pilhagem, o roubo e a desordem não tinham limites.

Quatro dias duraram as hostilidades e só então houve uma batalha decisiva.

Pelas duas e meia da tarde do quarto dia chegava o primeiro exercito ao local da primeira acção, e suas fileiras bastante desimadas não mostravam o valor do primeiro dia.

Os montanhezes, pelo contrario, sempre aguerridos e feroses, contavam com a vitoria.

Chocaram-se com furia os inimigos, pelejaram com ardor vendendo caras as vidas. A victoria declarou-se emfim pelos montanhezes, batendo as outras em retirada.

A noticia da dorrota chegou bem depressa ao quartel dos vencidos, e, antes que estes transposessem a planicie, já as que o ficaram guardando se iam pondo em salvo, pela fuga, levando o mais precioso de sua fazenda, isto é, os ovos e as larvas.

Antes porem que fugissem todas, chegaram as vencedoras em perseguição dos vencidos. Então é que se viu quanto vale, mesmo entre os animaes, o amor do lar e da familia. Poucos e extenuados fizeram pagar cara a temeridade das vencedoras. A peleja foi terrivel e a defeza heroica. Foram porem esmagadas pelo numero, derrotadas completamente e as demais feitas prisioneiras.

Foi dada ordem de saque, e as montanhezas carregadas de despojos e prisioneiros voltaram para suas tocas com grande festa e alvoroço.

Quem iam constrangidas eram as prisioneiras, porque bem sabiam o destino cruel que as esperava logo que chegassem ao acampamento inimigo.

E não se deixou esperar muito tempo o que tanto temiam.

Depois d'um processo summario procede-se á execussão, a mais cruel, a mais barbara, a mais requintada e feroz que jámais se viu entre selvagens. Eis como se effeitua a execução:

Duas formigas das mais possantes tomam as mandibulas de sua victima alargando-as quanto podem. Uma terceira arranca-lhe a lingua com uma crueza inaudita! Esta mesma sorte cabe a todas as prisioneiras indistinctamente.

Assim terminou esta guerra desastrosa, em que uma florescente republica de formigas foi completamente aniquilada e esmagada pelo ardor bellico e talvez pela tactica de outra nação mais poderosa ou afortunada.

Assim terminam as guerras das formigas, guerras minusculas e insignificantes para nós, e que ordinariamente nos passam desapercebidas, mas que em realidade são certamente mais epicas e heroicas que as grandes pelejas de duas nações rivaes.

Se tanto nos admira e surprehende o superior instincto destes pequeninos insectos em sua constituição e costumes, não é menos para admirar sua fereza nos combates e a requintada crueldade na execussão das victimas, que é certamente um grande desdouro á sua fama e a seus tão elevados instinctos.

Echos de S. Francisco e S. Antonio

SANTO PROTECTOR DO MÊS

B. Luzia de Calatajerona, terceira franciscana

Deus, traçando na lei evangelica todo o programma da perfeição christã, previu os grandes obstaculos e opposições, que a fragilidade da natureza humana e o espirito do mundo viciado contraporiam á realização do seu projecto divino.

Para desfazer estas difficuldades e reanimar as almas que professam o seu Evangelho, o mesmo Deus faz surgir de tempos a tempos no seio da Igreja Catholica espiritos modelares, corações diamantinos, que sejam como faroes de luz brilhantissima e sobrenatural, que illuminem as victimas da depravação e da ignorancia e lhes apontem o caminho recto e plano, que conduz á ultima felicidade.

Os meios de que Deus se utiliza para apresentar aos olhos dos homens estes exemplos vivos, são a graça superabundante, que insensivelmente os move a uma vida illibada, ou um milagre, que, obstruindo-lhes as vias do peccado ou retendo-os nas da innocencia, acumula-os de privilegios e bençãos.

Foi d'este ultimo meio que Deus se serviu para imprimir na pessoa da B. Luzia de Calata-

jerona uma imagem fiel do que deve ser toda a alma christã.

Esta serva de Deus viu a luz do dia pela vez primeira na cidade, de que tomou o sobrenome, na ilha da Sicilia.

Zelosos os paes de Luzia na educação de sua filha, nunca o ar infecto e corrompido do mundo chegou a macular a candura d'esta alma juvenil. Nunca as maximas venenosas da mocidade adulterada fizeram éco nos ouvidos d'esta creança, porque passou os primeiros doze annos de sua existencia sob a tutela protectora e vigilante de seus carinhosos paes, que trabalharam sempre com afinco por gravar-lhe no coração o odio ao vicio e incutir-lhe na alma o santo temor de Deus.

Era Luzia lyrio já de seis primaveras, quando um dia seus paes se retiraram com ella do ambiente da cidade natal, para passar a quadra do estio na amenidade e frescura d'uma quinta, que possuiam fóra dos suburbios de Calatajerona.

Luzia passava muitas vezes sosinha as horas de recreação, que os paes lhe concediam, nos jardins e hortas de sua quinta.

E, excitada, em certa occasião, pelos impulsos naturaes e proprios da sua idade, pretendeu subir a uma figueira que viu coberta de apetitosos fructos. Conseguiu realizar o seu desejo. Mas, a atmosphera começou a condensar-se, o ceu toldou-se de medonhos castellos de nuvens, e n'um momento uma tempestade furiosa pairou sobre as immediações da estancia da nossa santa.

Luzia estava ainda sobre a figueira, quando um raio destroçou completamente a arvore, lançando em terra a menina que ficou sem sentidos e quasi morta.

A mão de Deus porem, vigiava sobre a victima da catastrophe. Um venerando ancião approximou-se de Luzia e, tomando-a em seus braços, restituiu-a ao uso perfeito da sensibilidade que ficara suspensa.

Não se limitou a este favor a beneficencia do varão desconhecido. Consolou a menina, acariciou-a e foi collocal-a junto da porta da vivenda de seus paes.

Luzia extranhou a phisionomia e vestuario do seu bemfeitor; e com a singeleza do espirito a traduzir-se no sorriso dos labios, perguntou-lhe quem era o que a salvou do perigo.

«Sou S. Nicolou de Bari, respondeu o ancião, a quem téus paes tem dedicado sempre grande devoção. E porque os amo e reconheço o affecto que me consagram, quiz fazer-lhes este beneficio, salvando tua vida.»

A menina, surprehendida com esta resposta inopinada, referiu todo o successo aos paes, que não foram promptos a acreditar a narração de sua filha. Sairam de casa porem, dirigiram-se ao local do funesto incidente e, observando o destroço da figueira e alguns vestigios que a menina deixara quando caiu, reconheceram a veracidade do facto.

Alguns momentos apoz, debulhados em lagrimas, agradeceram sinceramente ao seu patrono a singularissima graça recebida.

Foi d'este facto miraculoso que Deus se serviu para operar uma grande transformação na alma de Luzia.

Era na verdade, commovente e digno da admiração de todos ver aquella flor do jardim de Deus, expargindo pouco a pouco o suave aroma de todos as virtudes.

Não era a debilidade d'uma creança de seis annos, mas a robustez d'um corpo formado que se entregava aos grilhões fatigantes da penitencia; não era a juvenilidade d'uma menina, mas o fervor d'um espirito maduro que passava largas horas no exercicio da oração mental e vocal; não era o capricho da infancia mas a gravidade e prodencia da senectude, que divisavam nos mandatos de seus paes um aceno da mão de Deus ao qual se submettia integralmente e sem hesitação.

Aos doze annos de idade, Luzia uniu-se mais intimamente ao seu Jesus pelo voto de castidade, fazendo parte do formoso côro das virgens.

Por este tempo, os paes da joven santa receberam em sua casa a visita d'uma mulher piedosa, de aspecto veneravel e já de idade madura, que se cingia com o cordão franciscano por sobre o habito da Ordem Terceira que trazia vestido.

Como as almas santas se conhecem, onde quer que se encontram, a hospede religiosa travou amigavel familiaridade com a pequenita Luzia.

Foi então, que se lhe deparou occasião propicia, para desfazer-se d'uma duvida que a preoccupava.

A nossa santa suspirava pela vida do retiro, pela tranquillidade do claustro, para dar inteiro cumprimento ás inspirações continuas que sentia de viver na humildade e completo esquecimento do mundo. Desejava porem, tomar conselho.

Dirigiu-se á sua amiga; manifestou-lhe os anhelos de seu coração e pediu-lhe que a instruisse sobre o assumpto.

A hospede franciscana deu tempo á reflexão e depois de prolongado exame animou Luzia a desprezar o mundo, abandonando a casa paterna e offereceu-lhe a sua vivenda e companhia em Salerno. Luzia recorreu á oração, consultou o oraculo divino do sacrario e por impulso superior retirou-se do lar domestico para casa de sua amiga, communicando esta nova a seus paes somente depois de chegar a Salerno. Estes não contrariaram a resolução de sua filha, porquanto conheciam a virtude e piedade do meio a que se ajuntára.

A nossa santa começou aqui o segundo periodo de sua vida de perfeição. Os exemplos de sua mestra foram uma luz resplandecentissima que lhe descubriu mais nitidamente o vasto campo, onde se cultivam as flores das virtudes christãs.

A caridade e compaixão para com os pobres e enfermos foi sempre o caracteristico da santidade da B. Luzia.

Todo o tempo que lhe sobrava dos affazeres diarios, reservava-o para assistir aos doentes no hospital de Salerno.

Não obstante, a nobreza de sua prosapia, não se desdenhava de lhes limpar e enfaixar as feridas, de os consolar e animar nas grandes angustias e soffrimentos.

Não passava um dia sem assistir com recolhimento ineffavel ao santo sacrificio da missa.

Approximava-se tambem frequentissimas vezes da mesa sacrosanta da eucharistia, onde, em abraços de amor divino, se unia affectuosamente ao seu esposo, Jesus.

Sua mestra, vendo com admiração estes progressos de Luzia no caminho da vida espiritual e maravilhada de tanta virtude n'uma alma tão jovenil, deixou de a considerar sua discipula, mas sim, um modelo, donde devia copiar preciosos quadros de perfeição religiosa.

Approximava-se o tempo, em que Deus queria manifestar á sua serva fiel os destinos de sua providencia sobre ella.

Sua mestra caira enferma no leito d'onde jámais se levantou.

A B. Luzia, movida de amor e dedicação, quiz manifestar-lhe os seus agradecimentos, assistindo-lhe com singular cuidado em todos os momentos que precederam o seu transito.

Era porém, grande a sua tristeza, pois que previa-se só, no vigor de sua mocidade, fóra da terra natal, e sem amparo algum. Mas, sua mestra não a deixou orphã.

Indicou-lhe um refugio valiosissimo, favorecendo-a com um dote sufficiente para entrar no mosteiro de S. Maria Magdalena, onde viviam as filhas Terceiras de S. Francisco d'Assis e animando-a a abraçar o instituto d'estas religiosas benemeritas.

Deus abriu-lhe as portas do convento e recolheu-a no aprisco de suas ovelhas predilectas.

O tempo do noviciado foi para Luzia um anno completo de retiro continuo, em que avançou a passos largos na via da perfeição evangelica.

A modestia e compostura de seu semblante, a sua paciencia inalteravel nos trabalhhos e o zelo infatigavel com que se entregava aos officios mais humildes do mosteiro manifestaram á communidade inteira, que não lhe era extranha a vida de sacrificio e a cruz da mortificação.

Suspirava pelo dia da profissão e as religiosas eram todas unanimes em approvar a sua entrada no numero das filhas do Patriarcha pobre, porque eram grandes as esperanças que conceberam de tão felizes principios.

Luzia prostrou-se deante do tabernaculo de Jesus e fez sacrificio de si mesma ao prisioneiro do sacrario, pronunciado os votos da vida monastica.

Começou aqui a terceira phase da vida da nossa santa.

A obediencia e a caridade foram o cunho mais saliente de toda a sua vida religiosa. Pela primeira, submetteu á direcção dos Superiores a sua vontade, considerando como preceito grave qualquer insinuação leve que lhe faziam. Pela segunda, consagrou a todas as irmãs um affecto inexplicavel de amor, promptificando-se sempre para todos os serviços de que necessitavam.

Quando as sombras da tristeza ou da tribulação obscureciam a alma d'alguma das religiosas, Luzia era a primeira a subministrar-lhe o pão da alegria e da resignação. Se a ira perturbava a tranquillidade d'alguma irmã, a piedade e mansidão de Luzia não tardavam a amenizar aquelle espirito e a implantar n'elle a paz e o socego.

A humildade e a pureza foram duas flores misticas, a cujo verdor e aroma dedicou sempre um cuidado mais que vulgar.

O rigor de suas penitencias parecia superior ás forças da natureza humana, quanto mais á fragilidade d'uma debil donzella. As disciplinas e cilicios chegavam a banhar-lhe o corpo de sangue. Nas sextas-feiras não quebrava o jejum antes do sol se submergir no occidente, occupando-se em todo o dia na contemplação dos mysterios dolorosos do Salvador.

A noticia d'estas austeridades ultrapassou os muros do seu convento; e a fama de sua santidade era uma voz potente que chamava os sabios do mundo a pedir á santa a solução de suas duvidas e os enfermos a implorar-lhe remedio para seus males.

Estas consultas porem, não satisfaziam ao coração de Luzia. Não obstante, falava a voz da obediencia e ella submettia-se, antolhando este contacto com o mundo, como occasião de sacrificio que o ceu lhe preparava.

Luzia tinha completado na terra a realização do plano que Deus concebera sobre ella.

O golpe profundo de suas penitencias cerceara-lhe pouco a pouco as forças physicas e a austeridade da vida ia-lhe extinguindo progressivamente a luz da existencia.

Caiu victima d'uma febre lenta que a reduziu ao extremo da fraqueza e a prostrou quasi completamente. Simultaneamente com estas, outras enfermidades lhe juncaram os ultimos dias da vida de abrolhos e amarguras.

Nada porém, foi sufficiente para separar Luzia dos exercicios da vida commum Não se sentia satisfeita senão quando trabalhava e orava com suas irmãs queridas. Seu espirito voava tanto mais para Jesus, quanto se approximava o fim de sua peregrinação sobre a terra.

Deus não podia receber com indifferença os suspiros e aspirações de sua fiel serva. Revelou-lhe por isso o momento em que a morte a transportaria ás raias da eternidade.

Esta noticia foi o começo da gloria da B. Luzia.

Participou-a ao seu confessor e superiora e dispôs a sua alma para a hora suprema em que se decide a sorte da vida d'além campa.

Depois de implorar á communidade o perdão de todos os maus exemplos e de exhortar suas irmãs com palavras de zelo e caridade á observancia exacta da regra, muniu o seu espirito com os Sacramentos da Igreja que lhe foram administrados no sobrado da sua cella, que sempre lhe serviu de leito.

Luzia, arrebatada n'um extase de amor e aureolado o seu rosto com um esplendor de luz brilhantissima, entregou a alma ao Creador no anno de 1400, com grande sentimento de quantas com ella conviveram.

Maxima espiritual

As almas, que se alimentam dos lyrios da pureza, têm a honra de possuir a Jesus em sua companhia e receber d'Elle os loiros da gloria.

Oração

Deus Omnipotente, concedei-nos pelos meritos e intercessão de vossa serva Luzia, que imi-

tando na terra os seus exemplos, vivamos castamente e trabalhemos por servir-vos com um coração puro, para que um dia possamos entrar na bemaventurança de vossa eternidade. Amen.

Indulgencias plenarias

Setembro — Duas no dia 4; no dia 17 duas, recebendo a absolvição geral, não a recebendo uma. Nos dias 8, 17, 24, 27 e 29 uma em cada um.

Movimento das Ordens Terceira

Montariol teve desta vez o prazer de reunir no seu amplo templo 900 irmãos terceiros. Era bello ver com que devoção e fervor estes exemplares filhos de S. Francisco ostentavam no dia 12 de agosto, á vista de toda a gente, as insignias da Ordem, o escapulario e o cordão. Igual fervor se notava em todos ao approximarem-se da Confissão e da Sagrada Mesa para alimentar as suas almas com o Pão da Vida.

A este fervor veiu juntar-se, naturalmente, a grande attenção com que todo o auditorio ouviu o prégador da reunião.

O Rev.º Padre André Araujo, já conhecido dos nossos leitores pela noticia que a nossa revista tem dado de varios dos seus importantes sermões, foi o orador escolhido para dirigir a palavra aos irmãos Terceiros.

E' no mez de agosto que se celebra a festa do principal protector dos Terceiros, S. Luiz, rei de França.

Aproveitando a coincidencia, o illustrado orador fez um quadro vivo e brilhante das virtudes do grande santo. Era assim que melhor poderia dirigir a devoção dos Terceiros para com o grande santo e grande rei, gloria e lustre da Ordem franciscana.

O rei tinha um annel em que estavam gravadas tres letras. Essas letras eram as iniciaes de tres nomes e de tres simbolos. Eram o resumo dos amores e das affeições de S. Luiz, e a sintese das virtudes do heroico defensor dos Lugares Santos. As iniciaes mistériosas do annel eram: D. P. M. Queriam dizer: Deus, Patria, Margarida.

Deus, Patria, Margarida eram os amores de Luiz. Aviventavam todas as acções do rei. Inspiravam-lhe os mais insignificantes pensamentos, os mais alevantados ideais e os mais extraordinarios heroismos da sua vida. Fizeram d'elle o orgulho do seu paiz e uma genuina gloria da Igreja universal.

Deus ornou-o das mais peregrinas qualidades que em toda a parte fazem brilhar como a sintese do amor divino o verdadeiro santo. O amor de Deus incendiava-lhe o coração e a mente, a ponto de não fraquejar onde quer que a sua interferencia era necessaria. A natureza e a graça concorriam com esse ardente amor de Deus, para o tornar victorioso, ao menos moralmente, em todas as suas empresas. A sua ilimitada confiança em Deus fez delle um verdadeiro heroe do cristianismo.

O amor da Patria é a affeição á casa onde nascemos, ao torrão sobre que ensaiámos os primeiros passos, á aldêa onde passamos a inocencia dos primeiros annos, onde nos divertimos, onde crescemos, onde nos fizemos homens, onde pugnamos pela vida, onde se avigorou o nosso corpo e onde se illustrou o nosso espirito, onde sorvemos a largos tragos a vida e onde a vida se nos vai aos pedaços nas lutas da mesma vida e na labuta de todos os dias pela felicidade. A patria é isto, e é o ceu limpido que se espelhou em nossos olhos ao abril-os pela primeira vez, é a lua das noites prateadas das nossas primaveras, é a abobada embrechada de rubis estelares que Deus pôz por aureola das nossas cabeças, é a risonha alfombra das veigas e a severidade dos montes alpestres que circumdam a nossa habitação e o nosso eirado. A patria são os nossos companheiros, os nossos ascendentes e descendentes. A patria é a nossa familia, a sua historia e a das familias ligadas á nossa pelas tradições, pela origem, pela linguagem, pelas relações, pelos affectos, pelo amor. Pelo amôr! Sim, a patria é o amor de tudo que nos pode atrair a si e tudo que o amor nos pode atrair á alma! A patria é a criadora da historia dos povos, é o termo e origem dos heroismos, é a impulsora dos grandes sacrificios, é o laço das sociedades, é a educadora dos individuos, é a fronteira da nossa terra, é o limite das nossas aspirações, é a liberdade, a justiça, a ordem, a união, a força, o sustentaculo, a vida das sociedades e dos individuos. A Patria! Quem sabe dizer bem o que é a Patria?!

Compreendida assim, a patria, não admira que os actos de S. Luiz fossem um dos mais bellos e encantadores capitulos da historia da sua nação. Foi esse seu extraordinario sentimento patriotico que o tornou o orgulho da França.

Finalmente na letra M. do annel de Luiz estava indicado o amor conjugal para com a sua esposa e o amor da familia. Estes dois amores têm muitos pontos de contacto. A alliança intima destes dois amores é exigida pela propria natureza.

Luiz amava ternamente estas duas meninas dos seus olhos. A esposa, a rainha Margarida, e a sua familia eram na verdade as meninas dos seus olhos. Apertava no mesmo doce amplexo a Deus, a patria, a esposa e a familia. Viviam deste bello conjuncto de amor e vivia para elle. Era extremoso para a esposa e para a familia. Foi isso que se tornou a familia do rei o modelo da familia francesa.

Applicando ao auditorio e ás condições da hora presente este bello exemplo de santidade o orador lembrou aos Terceiros quais os deveres a cumprir, para merecerem estar em relação com Deus, merecer o seu amor e o seu auxilio em todos os actos da vida social e domestica.

Em seguida recordou os deveres de todo o catolico para com a patria. Entre todos indicou, como de grande actualidade o suffragio eleitoral. Fez considerações particulares sobre a obrigação que o terceiro tem de dar a todos exemplo de actividade eleitoral. Têm sempre obrigação de ir á urna. Com esta obrigação acha-se ligada outra de maior importancia ainda — a de nunca votar sem se informar das ideias e dos propositos dos candidatos que lhe são propostos. E sendo propostos candidatos indignos, impios, de propositos ou precedentes pouco favoraveis á moral,

ao progresso da sua terra e da patria, e sobretudo á diffusão e aos interesses da religião catholica deverá negar-lhe sempre o seu voto. Se o conceder a candidatos desta especie, e conscientemente, vai concorrer, com um acto do maior valor, para a ruina dos bons costumes, impede o desenvolvimento material e moral do seu paiz, e procura pelo principal dos meios ao seu alcance destruir o sentimento religioso, a crença catolica e a Igreja dentro das fronteiras da sua patria. A mais tolerante doutrina theologica é unanime em declarar a falta do cumprimento deste dever como peccado grave.

Terminou exortando a todos a não abandonar as praticas de piedade, a não deixar de cumprir as suas obrigações para com Deus, para com a familia e o proximo e para com a patria, e nunca se envergonhar do nome de Christo e da pratica do bem e da virtude por consideração nenhuma, nem em virtude de respeitos humanos.

Oxalá que todos os irmãos Terceiros e todos os christãos pusessem em pratica estes conselhos do pregador, fundados em outros tantos preceitos da consciencia e da religião. Seria bem differente o estado da sociedade, da familia, do individuo e até da humanidade.

Depois do sermão procedeu-se á solemnidade de admissão á Ordem. Professaram 19 irmãos e entraram para postulantes 29.

Por fim concluiu tudo com a benção do SS. Sacramento e com bellos canticos á Virgem e a S. Francisco.

Em Santa Maria de Faria a reunião mensal foi menos concorrida do que nos outros mezes, por haver uma festa muito solemne na proxima freguezia de Villar de Figos. Seriam uns 100 irmãos os que d'esta vez assistiram.

Como o Commissario não pudesse, delegou a sua autoridade toda no digno Vice-Commissario Rev.º Padre Marianno Marques. Este digno sacerdote, muito estimado por todos os irmãos, pregou sobre a confissão. O sermão, segundo as informações que temos foi de um grande valor pratico e doutrinal ao mesmo tempo.

Demonstrou cabalmente que o sacramento da penitencia é uma das mais maravilhosas obras divinas. Com ella Christo teve a intenção de reformar o mundo, a sociedade e as consciencias. A confissão é o unico meio de fazer dos homens os émulos dos anjos. Está ahi a reforma social inteira. E' contra aquella rocha que se quebram os odios de classe, as inimizades pessoais, que se extingue a cobiça, a inveja, e até a avareza do usurario e do patrão que se nega a considerar o salario como um dever de justiça e de equidade para com o operario, a quem dá por muito favôr uma insignificante esmola.

A confissão sacramental é o termo de todas as fraudes, de todas as calumnias e intrigas. Este sacramento é o remedio divino de todas as miserias e chagas morais e sociais.

Com esta chave, Deus abriu ao mundo delinquente o reino da felicidade não só espiritual mas tambem temporal porque, sendo pela confissão perdoadas as culpas dos homens, e, reintegrado por meio d'ella, o mundo no reinado da paz, da harmonia e da consonancia dos espiritos e das vontades, sobrevem a todos a mais perenne e completa felicidade nesta e na outra vida.

Faltava provar que o fundamento de todas estas asserções era absolutamente divino. Sem isso sempre as hesitações tinham razão de ser.

O orador neste ponto não deixou logar á menor duvida. O mais incredulo teria de vergar ao peso dos argumentos irrespondiveis, com que elle provou a divindade da instituição deste sacramento que o homem inutil e vanmente procuraria inventar, e muito menos fazer perdurar durante vinte seculos, interruptamente, no seio da humanidade, como o oasis mais refrigerante no meio das agruras da vida.

Para esta prova fundamental o pregador fez concorrer as autoridades mais respeitaveis da historia e da sciencia em reforço dos Padres da Igreja e de muitas passagens biblicas referentes ao assunto.

Finalmente, indicou aos irmãos e a todo o auditorio quais as disposições indispensaveis para receber todo o fruto deste verdadeiro tesouro de todos os beneficios.

A attenção com que todos ouviram o prégador foi exemplar e até incantadôra. Todos sairam animados a pôr em pratica os conselhos e avisos que lhes foram dados naquella pratica, convencidos de que a fé e a religião exigem, para as autenticarem, as obras em conformidade com o sentimento e a crença.

A Ordem Terceira de Peniche está aumentando em fervor de dia para dia. A prova está na relação que vamos dar da ultima reunião. Como se vai ver, o seu digno director não se poupa a trabalho algum para elevar os membros desta Ordem na presença de Deus e até no conceito publico.

No dia 22 de julho celebrou a ultima reunião mensal. Começou como de costume pelo ceremonial proprio destas assembléas.

A's 7 horas houve missa rezada, acompanhada a harmonium e com varios canticos ao Santissimo e a S. Francisco.

Ao Evangelho o Rev.º Padre Director dirigiu uma breve allocução a todos os assistentes que eram numerosos.

Chamou-lhes a attenção para o exemplo de santidade e para a vida heroíca de Santa Maria Magdalena. Esta grande santa que fora tão grande no peccado, foi maior ainda em seguir as inspirações da Graça e os estimulos da consciencia. Assim, é para admirar a prontidão com que ella obedeceu á graça indo pedir perdão da sua vida pecaminosa, publicamente, em casa do fariseu, aos pés de Jesus. Sem respeitos humanos, confessou as suas culpas e fez a mais aspera penitencia em toda a vida. Desde o momento em que desceu sobre a sua alma o perdão do Divino Mestre nunca mais deu um só passo no caminho do pecado.

De tarde houve nova pratica. Versou ácêrca da virtude da pureza, essa imaculada açucena que o patriarcha serafico e os seus dignos filhos tão bem souberam cultivar em todos os tempos. Disse o illustrado pregador que é por essa virtude que os homens se tornam similhantes aos anjos, verdadeiros filhos de Maria e a digna imagem do proprio Deus. Quem a tem, possue completa liberdade de espirito e o mais seguro elemento da paz.

Ao contrario, os desgraçados que se rojam no vicio da impureza são os mais desgraçados e as victimas da maior perturbação. Nas suas almas não há socego. Cometendo uma acção pecaminosa julgam chegar aos labios a taça da felicidade. Todavia, é apenas a morte moral e até fisica o que elles estão sorvendo nesse momentaneo inebriamento. Prova-o bem o desgosto, a tristeza e o remorso que depois lhes sobrevem, como elles mesmos confessam.

A castidade vivifica a fé! A historia documenta bem esta affirmação. Foi atraiçoando a consciencia e deixando-se arrastar das paixões que os herejes de todos os tempos naufragaram na crença.

A pureza é a progenitora da caridade e a fundadora das grandes instituições.

Apontou o orador em seguida os meios de conseguir e de conservar intacta esta mimosa e fecundante virtude.

Para este fim recommendou a todos, como indispensavel, a fuga das más ocasiões, do theatro imoral, da dança e do baile, chamando n'este ponto a attenção para os proprios termos e preceitos da regra da Ordem Terceira.

Falando das más leituras, dos romances e folhetins de certos jornais, disse: «Por via de regra, os catholicos, maximamente os membros da Ordem Terceira não podem ler tais folhetins» Apontou dois diarios cujos folhetins podem ser lidos seguramente, sem que haja de subir o rubor ás faces do leitor consciencioso, e sem receio de entrarem no seio de uma familia honesta e catolica.

Esses jornais são a «Opinião» e a «Palavra» excellentes diarios catholicos. Talvez os não conheçaes ainda, disse o orador, dirigindo-se ao auditorio; não me admiro, pois que na terra em que estou falando, quasi que só se conhecem os jornais irreligiosos, os radicais ou os indifferentes que ainda são mais perniciosos do que os claramente anticatolicos.

Terminou exortando vivamente os filhos de S. Francisco a não admitir, em sua casa ou nas mãos dos seus subordinados, periodicos impios ou livros maus, a praticar a virtude sem respeitos humanos e a trabalharem por ter sempre a maior pureza de costumes.

O Pão de Santo Antonio

BRAGA

Santo Antonio não se esquece dos seus pobrezinhos. Para lhes conseguir o pão de cada dia, o grande santo está pronto a proteger todos que o invocam. Quem precisar de um favor, de um emprego, de um negocio bem resolvido, de uma boa sentença num pleito, de achar objetos que tenha perdido, de se pôr bem com Deus e com a sua consciencia, de readquirir o conceito que porventura perdeu perante o publico e a sociedade, venha ter com Santo Antonio. Em todas as necessidades recorram todos ao Santo que nós não duvidamos chamar o Dispenseiro das riquezas divinas. E lembrem-se todos de recorrer a elle, porque elle não póde deixar de satisfazer todos os pedidos. Se não o fizer em attenção a quem lhe supplica os beneficios e graças, infallivelmente ha de vêr-se obrigado a satisfazer todos os pedidos, em attenção aos desgraçados que delle recebem o pão com que matam a fome. Obrigou-se a sustentá-los. Publicamente está comprometido, ha muitos annos, a remediar os pobres de Braga e das localidades onde elle inspirou a fundação da simpatica instituição do «Pão dos pobres.»

Não esqueçamos, porém, duas coisas. E' que, se Santo Antonio se comprometeu a satisfazer os pedidos que lhe fizerem e a sustentar os miseraveis que lhe pedem um pedaço de pão, é tambem preciso que a elle recorram **todos.** Se forem poucos os pedidos, serão poucas as graças e tambem poucas serão as esmolas.

Vamos, pois, todos a Santo Antonio. Peçamos-lhe tudo com a promessa de auxiliar o pão dos pobrezinhos. Por esta fórma obrigamos o grande taumaturgo a fazer-nos o que implorarmos de Deus por meio delle, e erguemos da miseria muitos desgraçados que morrem á fóme por não terem um pedaço de pão negro, para confortarem a sua extrema necessidade ou a sua decrepitude esteril, ou uma doença incuravel.

Tem oscilado muito o rendimento das caixas. Algumas vezes era preciso que rendesse mais, pois que, do contrario, não póde a comissão attender aos pedidos frequentes que lhe são feitos todos os dias. Appelamos para todos os corações generosos, assegurando-os de que as suas esmolas são applicadas conscienciosamente e a quem maior indigencia possue.

Os cofres de Santo Antonio, durante o mês de julho, renderam 119$750 réis, sendo em:

Oiro	4$600
Prata	42$000
Prata meuda e niquel	26$250
Moedas de 20 réis	19$500
» » 10 »	6$250
» » 5 »	1$275
Somma	99$875
Entregue pela «Voz de S. Antonio»	19$875
Total	119$750

Encontraram-se tambem nos cofres:

Requerimentos	2
Petições a S. Antonio	11
Agradecimentos	3

Graças

Santo Antonio dos Terceiros, que saciaes a fóme aos pobres, dignai-vos aceitar estes 10$000 réis que vos offerece Adelino Meirelles, esperando o vosso poderoso patrocinio como até agora.

— Antonia A. G. de Ribeiro pediu uma graça a S. Antonio, promettendo publical-a se a obtivesse, e dar 500 réis para o pão dos pobres.

A graça recebida foi a collocação d'um sobrinho na cidade do Porto.

Por isso humildemente vem agradecer este beneficio do grande Santo e depôr no seu cofre a esmola que prometteu.

— *Meu querido S. Antonio.* — Cheias de reconhecimento e amor para comvosco humildemente vos agradecemos o terdes despachado a nossa petição, e remettemos-vos em nome de todas a esmola que vos promettemos.

Continuae Santo Bemdito a proteger-nos n'este negocio e em todos os outros pedidos, que nós vos promettemos ser sempre reconhecidas. — *D. S. B.*

BARCELLOS

Nesta villa a gloriosa obra do grande santo português não conhece desanimos. Augmenta sempre em fervor dos fieis, em entusiasmo dos cooperadores e em generosidade dos seus bemfeitores.

O seu fundador e promotor, o benemerito Padre Augusto Cunha, não descansa um momento. Pensa todos os dias na maneira porque melhor poderá honrar Santo Antonio, elevar a sua bella e beneficente instituição, accender nos corações a sua devoção, matar a fóme e remediar a miseria espiritual e corporal da pobreza daquella villa. Barcellos inteira sabe que estamos a fazêr justiça ao simpatico apostolo da instituição do Pão dos Pobres.

O clero de Barcellos, que é muito bondoso e exemplar, e que nutre a mais encendrada devoção para com Santo Antonio, tem-se prestado a todos os sacrificios, cooperando com o Rev.º Padre Cunha, nesta obra de tão vasto alcance moral e material. Assim, muitas vezes presta, com espirito de verdadeira caridade catholica, o seu concurso e actividade para o esplendor do culto e para o melhoramento e progresso desta carinhosa Instituição social.

Daqui agradecemos, em nome de Santo Antonio, a estes bons sacerdotes e aos catholicos da vetusta villa, os auxilios com que tem favorecido e fomentado a simpatia geral pela obra de Santo Antonio.

Não podemos esquecer no nosso agradecimento, como Santo Antonio tambem não esquece, o desinteresse e dedicação com que a snr.ª D. Maria Guilhermina Fernandes se esforça continuamente por dar ao amplo templo da Ordem Terceira, onde se acha instalada a obra de Santo Antonio, o carater de grande centro de piedade, e chamar aos pés do grande taumaturgo todos que precisam da protecção do Santo dos Pobrezinhos.

Os cofres renderam 24$815 réis. Foram tambem encontradas 20 petições e um agradecimento a Santo Antonio.

No dia 14 de agosto fez-se a distribuição do pão aos pobres. Deram-se-lhes 184 borôas. Este numero representa um verdadeiro milagre para quem tem conhecimento da situação economica da villa.

Santo Antonio não deixará de abençoar o Rev.mº Director da obra que a tantos sacrificios se tem sujeitado por ella, bem como não se esquecerá de espalhar os beneficios divinos por sobre as almas e os corações dos generosos barcellenses, que auxiliarem a prosperidade da sua obra.

VIMIOSO

Nesta localidade a obra do Pão dos Pobres vai de vento em pôpa.

O Rev.º Padre José Augusto Dias parocho da freguezia quer-lhe como a menina dos seus olhos. Não acha melhor obra para moralizar a sua parochia. O povo segue as instrucções e o enthusiasmo do seu pastor.

Grandes fructos se têm tirado da nossa obra, para bem material e moral daquella terra.

Convem que em toda a parte os pobres, ao receberem o pão do corpo recebam tambem o pão do espirito, approximando-se da Eucharistia. E' isto um dos fins mais importantes desta obra, e que fará a Santo Antonio tomar especial predilecção pelos pobrezinhos e pelos directores desta grande instituição.

O Rev.º parocho e digno Director da nossa obra em Vimioso, trabalha por conseguir este resultado que lhes transformará o seu povo em outros tantos amigos de Santo Antonio e bons christãos.

Sobre o movimento do Pão dos Pobres em Vimioso, apraz-nos dar um logar de honra á carta que nos enviou o seu Rev.º Director. Eil-a:

Rev.mº Snr.:

As muitas occupações que tenho tido nesta época, impediram-me de lhe mandar ha mais tempo, como era meu desejo, a relação do movimento da nossa obra. Faço-o hoje esperando que me relevará a demora.

Aberta a caixa das esmolas encontramos o seguinte no mês passado:

Moedas de prata, de 500 réis, 4	2$000
» » » » 200 » 5	1$000
» » 20 réis, 44	880
» » 10 » 75	750
» » 5 » 5	005
» » 100 » 2	200
» » 50 » 1	050
Somma	4$885
4 alqueires de centeio a 360 réis	1$440
Total	6$325

Encontraram-se tambem no cofre 8 petições e um agradecimento que peço o favor de inserir na «Voz».

JARDIM E PRAÇA DO ALMADA (POVOA DE VARZIM)

Despeza :

Da compra de 17 alqueires de pão . .	6$120
Despesa de cozedura e sal	205
Somma . . .	6$325

Foram contemplados 40 pobres com 3 kilos de pão cada um.

Não se distribuiu todo agora, para ir deixando algum para o maior rigor do inverno, pois que presentemente não ha tanta pobreza como então.

Santo Antonio continue a soccorrer-nos, nas nossas necessidades, para sua honra e gloria de Deus e de Maria Santissima.

De V. etc.

O parocho e Director

Padre José Augusto Dias.

Vimioso, 21 — 8 — 906.

— *Meu querido Santinho.* — Pelas graças que de vós recebi, dou-vos 200 réis e 16 litros de pão, para o pão dos vossos pobresinhos. Continuae a proteger-me a mim e a minha familia, meu bom Santo Protector. Sempre bemdirei o vosso Santo nome, até á morte.

Vossa serva

Maria R. M.

Vimioso, 19 — 8 — 1906.

DE DIVERSAS PARTES

Rev.º Padre Director — Venho pedir-lhe o obsequio de inserir na «Voz de S. Antonio» como prometti, uma grande graça, que me fez o grande Santo. Foi que tendo uma creada minha perdido uma ametista grande que eu muito estimava, por ser de meu defuncto e saudoso Pai, nas Caldas da Rainha, depois de termos feito o possivel para a achar, tudo foi inutil. Avizei a policia e os ourives das Caldas, e, bem desconfiada que a não tornaria a ver, invoquei S. Antonio e as creadas fizeram o mesmo. Promettilhe publicar a graça, e dar 500 réis para o Pão dos pobres. Tinha apenas chegado a casa e principiado a jantar, quando bateram á porta. Um empregado do Hospital annunciou-me que se tinha achado o broche d'ametista. D'ahi a pouco um policia veiu entregar-ma. Tinha sido achada por uma creança, que a levou ao ourives, para saber se o aro era d'ouro, es'e, prevenido, entregou-a a um policia que m'a veio trazer!

De V. etc. — *Isabel Tavares.*

Juventude Antoniana

A freguezia de S. Paio do Carvalhal, pertence ao concelho de Barcellos. Fica a meia legua de distancia desta villa. Assenta na raiz do monte da Franqueira, em cuja encosta se reclina saudoso e meditabundo um antigo convento franciscano. Os religiosos delle tão bem souberam espalhar e arreigar os sãos principios da moral christã pelos povos circumvizinhos, que ainda hoje sentimos bem vivo o seu influxo salutar nos costumes e na vida daquelles bons camponêses.

A freguezia de S. Paio era a mais proxima. Conserva, por isso, naturalmente, mais nitidos os traços do catolicismo pratico dos bons franciscanos da Franqueira.

Não bastava, porém, que ficassem mais ou menos arreigados no povo esses principios difundi-

dos pelo santo convento. Era mister haver quem os conservasse e avivasse. Ninguem melhor para isso do que um paroco activo e exemplar.

S. Paio teve essa boa fortuna. Todos são unanimes, no concelho de Barcellos, em considerar o Padre Antonio Placido um verdadeiro modelo do clero parochial.

Não acha limites o seu zelo. O entranhado affecto pelo seu rebanho torna este pastor incansavel. No confessionario não pode ser mais assiduo. As praticas e as conferencias morais aos seus bons paroquianos são frequentes. O catecismo é todos os cito dias explicado a grandes e pequenos, como deseja o Santo Padre.

As instituições religiosas, com que a Santa Igreja procura alimentar a piedade e o fervor christão nos fieis, têm no Padre Placido um ardente apostolo. Entre todas ellas, era natural que tomasse o primeiro logar uma que reunisse as tradições franciscanas do seu povo. Foi o que succedeu com as instituições de S. Antonio.

Era natural e era coherente. Santo Antonio, é, além de tudo, o Santo português por excellencia e o omonimo do digno paroco.

Assim, desde a entrada do Padre Antonio Placido em S. Paio, a devoção ao grande taumaturgo de todo o mundo tomou um incremento extraordinario.

Mas, era precisa uma piedosa liga que, ao mesmo tempo, enriquecesse de graças espirituais os seus paroquianos, e unindo a todos, por assim dizer, numa familia religiosa, fosse um estimulo permanente á prática rigorosa das virtudes christans.

Para este fim, o jovem paroco, a 26 de junho ultimo, dia da festa do padroeiro da sua querida igreja, estabeleceu na freguezia a Pia União de Santo Antonio e a Juventude Antoniana, tendo recebido previamente de Roma o diploma para a sua erecção canonica, por meio da Direção Nacional destas piedosas instituições estabelecida em Montariol.

Um sacerdote de Montariol subiu, por essa occasião, ao pulpito, e expôs os fins deste grande meio de santificação e os meios aconselhados pela santa Igreja para os conseguir, em harmonia com as devoções antonianas.

Falando sobre a Juventude Antoniana, indicou rapidamente as qualidades excepcionais desta bella instituição, para preservar os jovens de ambos os sexos de toda a corrupção e imoralidade que tanto vai alastrando por toda a parte.

Por meio da Juventude Antoniana, disse o prégador, a freguezia de S. Paio, que é já das mais morigeradas, não póde deixar de ser, num futuro muito proximo, o genuino modelo de uma paroquia catolica. Isto, attendendo á indole excellente daquelle povo, ás qualidades e ao zelo do Rev.º Padre Placido, e tendo em consideração os meios e estimulos praticos a que está ligada esta incantadora Associação do Santo português.

A assistencia, que foi numerosa, ouviu sempre o prégador no mais absoluto silencio e com a maior attenção.

O digno paroco, de sobrepeliz e pluvial, recitou a consagração do povo a Santo Antonio, cuja imagem, bem cercada de lumes, parecia dirigir naquella hora um sorriso de intima satisfação aos seus piedosos filhos de S. Paio.

Terminou tudo pelo himno do Santo, uma verdadeira marcha moralizadora e entusiastica que é capaz de acender brios ainda nos mais gelados peitos.

O fervor por esta obra tem augmentado tanto, que, d'aí a quinze dias, faziam parte da Pia União 140 fieis. Além disso, 90 jovens de ambos os sexos formavam, ao cabo desse curto praso, um exercito aguerrido, a milicia forte e invencivel do grande Santo Antonio e a guarda dos bons costumes naquella abençoada terra.

Tudo naturalmente devido ao empenho do infatigavel paroco. Não se poupa a sacrificios de toda a ordem para tornar cada vez mais fervorosa a freguezia por este grande meio de santificação.

Para este fim moralizador, determinou dias certos em que se devem reunir ora os associados da Pia União ora os membros da Juventude.

Nos dias da reunião, os associados de cada uma das instituições antonianas recebem, com todo o fervor, os sacramentos da Confissão e Communhão.

Em seguida o Rev.º Padre Placido faz, ordinariamente, uma allocução moral e incita os assistentes á imitação das virtudes de Santo Antonio e á pratica de uma vida christan modelar.

Foi o que se praticou, no meio de grande fervor e entusiasmo religioso, no dia 15, terceiro domingo de julho.

E terminou tudo pela consagração de todos a Santo Antonio, pela benção do Santissimo e por varios canticos deliciosos.

Daqui felicitamos o povo de S. Paio pelo optimo pastor que Deus lhe concedeu.

A elle, ao nosso querido Padre Placido, damos incondicionais e espontaneos parabens pelo crescente progresso moral da sua freguezia, pelo desenvolvimento e pelos frutos beneficos da sua obra. E ficamos fazendo ardentes votos, por que o concurso publico, a que foi posta ultimamente a sua igreja, seja uma garantia mais solida da permanencia do virtuoso e illustrado sacerdote no meio do seu querido povo.

OS NOSSOS DEFUNTOS

Pie Jesu Domine.
Dona eis requiem Amen.

Padre Antonio Ribeiro Aguiar.
— Padre Antonio Joaquim Guerra de Puga.
— Padre Antonio José Madeira de Freitas.

Eram todos assignantes da «Voz de S. Antonio».

Aos nossos leitores pedimos para os finados o auxilio das suas fervorosas preces.

R. I. P.

☼ Secção scientifico-litteraria ☼

Notas de critica litteraria (1)

II

O pantheismo e sua significação pathologica em litteratura

Fica dito do N.º precedente que a immanencia no pensamento aryano corresponde a um movimento do espirito para a affirmação duma realidade transcendente á incerta e fugitiva phenomenalidade.

Desde o começo da historia europeia, pela recepção do pensamento christão no espirito aryano, esta immanencia no mundo grego e latino caracterizou-se definitivamente objectiva: facto a que desde logo correspondeu um grande equilibrio nas tendencias geraes do espirito collectivo, como se a subjectividade psychologica achasse não christianismo a sua verdadeira integração.

E' neste equilibrio psychologico que se radica e consubstancia a dynamica social concretizada na historia da nossa civilização occidental, em que se destaca um traço harmonioso, coordenando os factos particulares numa generalidade comprehensiva, assumindo assim os diversos quadros historicos, sobre a sua expressão fragmentaria e positiva, uma significação ulterior pela qual — é só por ella — a Historia se torna logicamente intelligivel, interpretada, em resumo, como a traducção duma ideia luminosa e sublime — ideia unica ampla sufficientemente para abranger em sua luminosa profundeza e incommensuravel vastidão a universalidade humana.

O ideal sublime que nos dá esta comprehensão da humanidade, como factor psychologico dos nossos vinte seculos de Historia, é o pensamento religioso da fraternidade humana revelada pelo Evangelho.

O que sobredoira a nossa civilização, mais que as prodigiosas conquistas das sciencias, é o profundo sentimento da fraternidade humana, é o sentimento do humanitarismo.

E' em o nascer, incremento e aperfeiçoação deste sentimento que está a summa real de todo o verdadeiro progresso num sentido eminente, a valorização de toda a Historia, ou mais rigorosamente, a criação da mesma Historia, na accepção universal.

E' pela producção deste sentimento que a vida da humanidade dá fundamento para a differenciarmos — não apenas como o *momento* mais avançado da evolução universal, mas destacando-a num reino privativo, fixando-a numa noção *supra-positiva* ainda que não *contra-positiva*, dando uma notação especial a serie dos seus actos, numa palavra, criando a Historia, em que suppomos referir-nos a alguma coisa mais do que á simples evolução biologica.

Este sentimento é em todo o rigor a seiva da vida humana.

E note-se que a *Historia*, neste sentido, principiou com o christianismo. Antes havia Historia num sentido de preparação: o resto é Ethnographia.

Se a aperfeiçoação do sentimento religioso da fraternidade humana é o unico progresso sufficiente para dar significação á Historia da humanidade; como este sentimento é absolutamente inconcebivel fóra do christianismo, porque sem o Deus do Evangelho não tem garantia alguma, — segue-se que o pensamento aryano, que é o Pensamento por excellencia, integrando-se no christianismo, encontrou a verdadeira significação da Vida humana, a não querermos resignar-nos na ideia consoladora de que a Consciencia humana seja um tremendo disparate no universo, o que vale o mesmo que admittir que a Vida humana não tem significado nenhum.

Quanto a ser o christianismo a causa unica do humanitarismo em nossa civilização — isto parece-me uma formula de psychologia rigorosamente verdadeira.

Effectivamente estabelecer como axioma fundamental do altruismo a philogenitura

---

(1) Por transtorno as provas do artigo do N.º precedente não me chegaram ás mãos, nem as da poesia *Ideal*. Do artigo, as incorrecções mais gordas são:

Um *aryos* que deve ler-se *aryas*.

Eronica, — leia-se *eranica*.

Saíu tambem uma innocencia em vez de immanencia.

Quanto á poesia deu o *tangro-mangro* no primeiro sonêto que ficou uma lastima; porisso reimprime-se.

simiana; proclamar o amôr, a paz, a fraternidade aos Povos nestes termos: amêmonos uns aos outros, porque todos somos irmãos, filhos do Macaco que está nos *Reinos Terciarios:* a sua veneravel caveira de dentro dum dos quatro angulos formados pelos femures cruzados em *X* nos prega a fraternidade dos homens — é um reforço de retorica que já vae fazendo rebentar de riso muitos dos philosophos do atheismo, logicamente cynicos.

O mais feroz dos individualistas allemães, porisso tambem o maior inimigo do christianismo, denuncia o moderno positivismo e ainda os mais radicaes atheistas de fraquejarem por um certo humanitarismo instinctivo que os enche de ternuras hystericas e de amorzinhos pela humanidade.

E' que sob uma crosta de atheismo todo exterior os respectivos encephalos estão ainda todos cheios de christianismo hereditario.

As seguintes palavras de Letournau, citadas no programma do *Livre Pensamento Português* (1) caem a proposito (até para concluir absolutamente o contrario do que pretendia o sr. Heliodoro Salgado):

«Descendentes tardiamente emancipados de uma raça que desaprendeu de pensar livremente, contrahimos a curva hereditaria da servidão intellectual e instinctivamente nos dobramos ainda sob uma canga miseravel. A intelligencia europeia dos dias actuaes está paralysada por uma cobardia ancestral e a opinião pubica é ainda rebelde a toda a ideia nova».

Tambem eu só pela hereditariedade psychologica posso comprehender o humanitarismo contemporaneo em contradição evidente com a irreligiosidade da época.

Diz-nos a Historia de Philosophia que o sentir e o pensar de uma dada epoca, individual ou collectivamente, não são coisas totalmente imprevistas, absolutamente originaes. Suppõe-se a herança de cerebrações peculiares, — hereditariedade physiologica, suppõe-se a educação — hereditariedade psychologica.

Não pode haver duvida de que o humanitarismo de nossa civilização, por onde quer que apparêça — inda quando proclamado por incredulos ou atheus — é fundamentalmente, psychologicamente, devido ao christianismo.

Para que na vida collectiva humana haja harmonia de unidade, e nesta unida a sua significação, requer-se que o pensamento se condense numa cohesão universal; esta cohesão, porém, num sentido de estabilidade, pela persistencia durante todos os momentos da evolução da psychologia humana e pela penetração no pensamento de todas as raças que attingiram a harmonia da Historia, — suppõe um equilibrio definitivo da psychologia geral.

A integração na Historia ha-de necessariamente ser predeterminada pela integração da psychologia universal.

A cohesão do pensamento necessario para a producção dos vinte seculos da nossa civilização é rigorosamente devida á integração da immanencia aryana no christianismo.

A immanencia, como traço geral em toda a psychologia aryana, pouco mais significa que a existencia de faculdades mentaes superiores, já em notavel desenvolvimento; uma consideravel manifestação do espirito philosophico, assombrosa por vezes.

Na India, esta grande exigencia do espirito humano nunca se equilibrou fixando o seu objectivo. Apenas conseguiu illudir-se, entreter-se, amparando-se no fragil relevo da imaginação poetica, toda na complacencia dum cançado somnambulismo, sacudindo todavia a nevoa pesadissima do seu imaginar a tenue palpitação dum presentimento longinquo.

No espirito absorto, a nevoa está inda um momento suspensa symbolizando a grande realidade incomprehensivel. Mas a energia do espirito afroixa e a poesia degenera num dogmatismo mythico, esteril.

Na Grecia, se o pensamento aryano perdeu em profundeza, retemperando o espirito no dynamismo dum *meio* geographico benigno e harmonioso, refez-se no naturalismo scientifico, salvando-se da inanidade a que o conduziria a absorpção exagerada num scismar transcendente, — pela irritação das faculdades psychicas na impotencia, até á exhaustão dum supremo desalento.

Depois, como vimos, a immanencia do pensamento greco-romano integrou-se no christianismo.

(1) Segundo o *Manual Politico* do sr. Trindade Coelho.

Como o pensamento philosophico é a ultima expressão da Historia, nunca o progresso pode tomar marcha definitiva emquanto não for impulsionado pelo mais profundo pensamento que existir. Não ha duvida de que este é o pensamento christão, o ideal sublime do Evangelho. Mas o christianismo é a religião. A sua essencia é a vitalidade immortal. Sem mais nada, domina e hade dominar sempre. Para o sentimento sobretudo basta-lhe o seu magnetismo.

Mas para um progresso equilibrado e harmonico requer-se tambem que o pensamento mais profundo que em philosophia haja attingido a humanidade seja christianizado. Tenho a convição de que estes dois elementos postos em contacto se precipitam, se combinam. E' a chimica do espirito.

Parece-me que o pensamento indo-germanico tem mais profundeza que o pensamento hellenico.

O pensamento greco-romano foi o grande educador dos povos modernos. O seu grande prestigio deu por muito tempo cohesão ao pensamento philosophico submettendo-o á sua autoridade magistral.

Assimilado porem o hellenismo, já adulto o espirito da civilização pelo apparecimento de faculdades de critica, viu-se que a philosophia grega não era tudo, que muito havia ainda para descobrimentos.

Os germanos escutando o eco meio adormecido de suas tradições preocuparam-se com as reminiscencias duma grande philosophia que lhes vinha congenita, mas ignorada.

E annos após tinham evocado para a sua literatura, para a sua psychologia, o grande pensamento immobilizado, mumificado entre os aryanos da Asia, resuscitando-o, vivificando-o na vitalidade enorme de suas eminentes faculdades intellectuaes.

Este pensamento informe, esta nebulosa, este estado de consciencia em dissociação, vago, num alvoraçado presentimento que corresponde a um dynamismo profundo e subtilissimo, virá no futuro a integrar-se no pensamento christão como succedeu com o hellenismo, organizando-se a Historia definitivamente, porque seguirá então impulsionada pela ideia mais profunda e pela revelação mais sublime.

Entretanto é a antitheze de duas ideias o que constitue o tormento do espirito que faz do *Fausto* uma tragedia — a tragedia do espirito contemporaneo.

Diz-se que o *humour* inglês é producto physiologico do cruzamento da raça dos saxões, profundos, melancolicos e sombrios com a raça normanda, superficial, preciosa e aristocrata: tambem o humorismo de Goethe significa a lucta na consciencia do pensamento christão com as formas racionalistas por que a critica tem viciado a interpretação da immanencia aryana.

E' esta antithese idiologica o que significa, principalmente, a antithese literaria no humorismo de Goethe: — Mephistopheles e Margarida.

(Continúa).

ALVES CORREIA.

Prehistoria

No sol da Ideia eterna, no infinito
Rebrilhou um fulgôr — deslumbramento! —
E nessa hora longinqua, a esse momento
Perdido para nós no incircumscrito

Projectou Deus de seu vulto bemdito
Sombra no espaço inane: — pensamento
Incerto e como em vago esquecimento
De abraçar um objecto, ou já sem fito,

Ficara alli immovel e passiva ..
Colheu Deus numa ruga pensativa
Da fronte aquella sombra que o fulgir

Da eterna Luz tirou de sua Essencia,
Ficando-se a scismar a eterna Sciencia
— Com o grande phantasma do Porvir.

ALVES CORREIA.

Montariol

Ao meu amigo
Padre M. da Trindade

Montariol! Recordação querida
Que tanto goso na minh'alma gera!
Aqui occulto só viver quizera.
Longe do mundo, dilatada vida!

Solidão santa! calma appetecida!
Viver aqui, só para Deus, quem dera!
N'este retiro onde a virtude impera,
Onde o silencio a orar convida.

Solidão santa, que jamais esquece
Ermo bemdito, em que se encontra um goso
Tão puro e santo que jamais fenece.

Meu Deus, que dita! que porvir ditoso!
Se emfim meus dias terminar pudesse
N'esta soidão, n'este retiro umbroso!

15 — 8 — 1906 E. C. F.

AS NOSSAS ILLUSTRAÇÕES

Povoa de Varzim — Estamos no mês de setembro, em que esta villa regorgita de forasteiros e banhistas, que nesta calmosa quadra do anno vem aqui procurar lenitivo aos seus males presentes e prevenir-se para os achaques do inverno que os espera.

Quantos porém vão á Povoa, passam muito tempo na Povoa e não sabem o que é a Povoa! E' para estes e aos admiradores d'esta bella praia que nós hoje seguindo o *Portugal antigo e moderno,* vamos escrever algo da sua historia.

Perde-se na antiguidade dos tempos a memoria da fundação d'esta villa, ignorando-se tambem a etymologia do seu nome. Querem alguns que lhe venha o nome de *Caio Varzinio,* consul romano, a quem attribuem a sua fundação; outros porém opinam que *Varzim* vem do sitio em que a villa foi edificada, que é uma pequena *varzea,* donde o diminutivo *Varzinha* que com o tempo se corromperia em *Varzim.*

Pinho Leal, sem outro fundamento que o da similhança entre dois nomes, diz que talvez fosse fundada pelos barbaros do norte, que lhe dariam o nome que tem uma cidade d'Allemanha, onde ha uma quinta que foi do principe de Bismark.

Esta opinião de Pinho Leal não tem fundamento algum, porque da similhança de nomes *só* não podemos de modo algum argumentar para a identidade de fundação.

Foi esta uma das terras que entraram logo nos dominios de D. Henrique quando tomou posse do condado de Portugal, fazendo doação d'ella a um dos seus companheiros d'armas, passando no tempo de D. Diniz para seu filho D. Affonso Sanches, que a doou ao mosteiro de freiras clarissas, que elle havia mandado edificar n'esta villa.

O mais remoto foral concedido a esta villa foi dado por D. Diniz em 1308, concedendo-lhe varios privilegios. Este foral foi depois ampliado por D. Manuel, que lhe augmentou ainda os privilegios, concedendo-lhe isenção de termo e o direito de recurso á corôa. Hoje é concelho e cabeça de comarca.

Conta para cima de 12:000 habitantes na sua maior parte pescadores, dos mais destemidos da costa de Portugal, que todos os annos arrancam das entranhas do mar centenares de contos em peixe de todas as qualidades.

A Povoa é hoje uma das villas mais pitorescas de Portugal. Os seus hoteis e cafés rivalisam com os melhores do Porto e Lisboa.

Tem theatro moderno, escolas, casinos e ultimamente foi enriquecida com um lyceu.

E' grande a concorrencia de pessoas que annualmente frequentam esta praia, principalmente do Minho e Traz-os-Montes; devido á amenidade do seu clima, e ás gratas diversões que por toda a parte encontram os banhistas, á franqueza d'este povo assás religioso, principalmente nos momentos em que sente que o mar lhes vae tragar alguns dos entes queridos.

Ouçamos Ramalho Ortigão descrevendo-nos o poveiro: «A mais interessante e a mais importante curiosidade da Povoa é o pescador poveiro.

O poveiro constitue uma raça perfeitamente especial, na população do nosso littoral. Inteiramente differente dos typos gregos, finos, magros, elegantes, de perfis aquilinos, dos varinos, dos celebres pescadores de Ovar e Olhão, o poveiro tem o typo saxonio. E' ruivo, de olhos claros, largos hombros, peito athletico, pernas e braços herculeos. As feições são arredondadas e duras. As boccas dos velhos, quando perdem os dentes, alargam-se extremamente na direcção das orelhas e dão-lhe ao perfil uma certa similhança com os jacarés. Teem uma força prodigiosa.» E ainda: «Quando o mar se levanta repentinamente, todos os barcos ancorados na praia são varados na areia á força de braços por homens e mulheres. As embarcações, grandes lanchas algumas d'ellas, são encalhadas a remos. Uma vez na areia, homens e mulheres, mettidos na agua até á cintura, encostam o hombro ao barco e fazem-no subir na praia até dez ou quinze metros acima da lingua da maré. E' nestes duros exercicios que se póde apreciar a extraordinaria força muscular d'esta raça privilegiada. Velhos de sessenta a oitenta annos, de cabellos brancos e duros caídos na luta, a camisa desabotoada, o peito mordido pelo sol e pelo vento do mar, a pelle vermelha, doirada com reflexos metalicos, como uma folha de vinha no outomno, acocoram-se debaixo da popa d'uma lancha, fincam os pés na areia e impellem com as costas, desenvolvendo a maior força de que pode dispor a columna vertebral, um peso de esmagar um homem vulgar. São naturalmente bons, delicados, reconhecidos, doceis como mulheres.» Tal é o poveiro inda hoje.

Alem dos melhoramentos que ultimamente teem sido introduzidos e que a tornam uma villa completamente moderna, na Povoa ha tambem todos os elementos antigos que a fariam uma villa de primeira ordem mesmo antes do seculo XIX.

A matriz é do seculo XVIII e foi mandada construir por provisão régia de D. João V. Foi destinado para ajuda da construcção as sobras das sizas e um pequeno imposto sobre a carne e o vinho.

E' um formoso templo de architetura toscana, d'uma só nave. E' bastante amplo, contudo insufficiente para os habitantes da villa. Inda no ultimo anno foi dourada a tribuna, por conta de um legado deixado para este fim por uma senhora da villa.

Os paços do concelho são um dos edificios mais sumptuosos. Estão na praça do *Almada,* nome que lhe foi dado em memoria do seu fundador D. Francisco de Almada e Mendonça. São obra do reinado de D. Maria I. No mesmo edificio, está o tribunal, a casa da Camara com todas as suas dependencias, as repartições da administração do concelho e da fazenda. «O andar *nobre,* diz Pinho Leal, assenta sobre uma galeria de arcos que lhe servem de vestibulo, dando entrada para todo o edificio». Os baixos do edificio servem de cadeia publica.

O Hospital da Misericordia, que actualmente é servido pelas irmãs hospitaleiras portuguêsas, é fundação do seculo passado. A Misericordia já existia no seculo XVI, servindo por muito tempo de igreja matriz, mas o hospital foi mandado edi-

ficar a pedido da camara por provisão régia de 1804.

Os annos passavam, e, nas obras do hospital nem ao menos se pensava até que uma peste horrivel veiu em 1811 devastar os poveiros. Construiu-se então um hospital provisorio, porem logo se conheceu a necessidade d'um hospital permanente, sendo de novo sollicitada autorisação régia em 1819. Não obstante o despacho favoravel da petição. só em 1826 é que começaram as obras, devido ao zelo do illustre povoense José Antonio Alves Anjo, nomeado thesoureiro para receber as esmolas, concorrendo com grossos donativos dos seus haveres. Depois de muitos embaraços. já por falta de dinheiro, já por má vontade da camara, ficou concluida uma parte do hospital em 1835, sendo para ali transferidos os doentes do hospital provisorio em 29 de junho do mesmo anno; ficando tudo concluido em 1869. Tem sete enfermarias muito espaçosas e bem ventiladas, o que muito concorre para o prompto restabelecimento dos doentes. Uma de estas enfermarias foi mandada construir mais tarde pelo Snr. João Antunes Guimarães, do concelho de Guimarães, e bem assim uma espaçosa sala, para doentes particulares, que se quizessem tratar no hospital, pagando o preço estabelecido no regulamento. O hospital é um dos bons edificios da villa, situado em local muito hygienico, está dotado de todos os melhoramentos modernos proprios de uma casa d'este genero.

Ha ainda outras obras dignas de menção em que nos não podemos demorar, como são o *jardim publico*, uma *pequena fortaleza* completamente desmantellada, o *mercado*, o *cemiterio publico* etc.; deixamo-las porem, não no esquecimento, mas para ocasião mais oportuna, em que tenhamos mais elementos á mão.

A Povoa é por excellencia a praia dos povos do norte, que todos os annos ali accorrem grande numero.

Pena é que muitas familias, que lá vão buscar a saude do corpo venham de lá com a do espirito e a fortuna perdida, devido á roleta e monte que ali se joga desenfreadamente. Diz Pinho Leal, «que em todos os cafés ha um compartimento, onde se joga publicamente a *roleta* e o *monte*. Em um d'elles, fizeram a sala para a roleta, em formoso pavilhão no centro do jardim, para attrahirem ainda maior concorrencia.»

Isto, ha mais de desaseis annos. O que não será hoje que este maldito vicio se tem desenvolvido tanto?!

Banho de Agua Quente. — Parece-nos que em nenhum numero da nossa revista ficaria melhor esta fotogravura. Neste mês apresentamos diversas vistas da Povoa. Junto ao conhecimento de uma das mais belas praias portuguêsas, era natural que oferecessemos aos leitores este original banho japonês.

Este banho toma-se ao ar livre.

Utiliza-se para isso uma especie de talha de barro bem cozido, a qual é primeiro aquecida por meio de um forno subterraneo. Em seguida entra-se para a original banheira.

A nossa gravura representa, como se prevê já, um delicioso e atraente quadrozinho, expressivo, relativo á higiene e asseio habitual dos filhos do imperio do sol. O Japão é o primeiro paiz do mundo no tocante a limpeza.

Os japonêses têm uma tendencia inata para o asseio. As mais graves e perigosas circunstancias não são capazes de fazer esquecer aos subditos do mikado os seus deveres para com a limpeza. Esta asserção ficou bem demonstrada durante os mêses de junho, julho e agosto de 1900, quando dos graves conflitos do Japão com a China.

Travaram-se por essa occasião sangrentos combates nos arredores de Tien-Tsin, nos quais os japonêses tiveram de resistir aos mais ardidos embates das tropas chinêsas.

Pois todos os dias, quando esses bravos guerreiros iam renovar a fusilaria, as suas fardas brancas eram imaculadas.

Esta limpeza, na verdade extraordinaria, foi uma das causas principais da admiração dos officais estrangeiros.

E' claro que a primeira condição para se banhar qualquer é ter agua. Sob este ponto de vista, a natureza foi excepcionalmente prodiga para com o Japão. Abunda lá tambem a agua mineral de toda a especie: sulfurosa, quente e fria.

Para nos convencermos disto, basta visitar os portos abertos aos vapores europeus, como Kobé, Yokohama ou Nagazaki. Ahi, as pequenas aldêas dos pescadores situadas nas quebradas da costa japonesa, bem como os logares mais interiores do territorio, aos quais se póde ir em bicicleta, possuem balnearios para uso de todos.

Lá dentro, o indigena conservou sempre o caracter original da raça. Não conhece o sapato adamado nem o guarda-sol de seda.

Ao penetrar nessas aldeias interessantes, experimenta-se logo uma impressão particularmente agradavel e unica, é a impressão da mais completa e inacreditavel limpeza.

As casitas, de madeira, comunicam com a rua por amplas cales. Ao mesmo tempo mostram todas, igualmente e em toda a parte, a brancura imaculada do papel, que cobre os tabiques moveis que adornam todas as habitações.

As «tatamis» (esteiras) que se estendem por todo o rez-do-chão, estão indemnes de toda a mancha de lama e do pó. Os moradores destes edificios andam por cima dellas de pés descalços, de meias ou com sapatinhos de pano branco. Os tamancos ficam á porta. O europeu que fôr convidado a entrar em qualquer habitação é obrigado a descalçar as botinas e a andar de meias, ou tem de meter o calçado numa especie de polainas azues, que envolvem tudo, e que o hospedeiro lhe apresenta á entrada.

Apesar do seu aspecto, a casa japonesa sobreleva muito á holandesa em tudo que respeita ao asseio.

No Japão, a limpeza é geral. Póde estabelecer-se, como regra geral, que todos os subditos do mikado tomam um banho diario.

BIBLIOGRAPHIA

A Educação das mulheres. — E' o vigesimo setimo opusculo da collecção «Sciencia e Religião». Divide-se em duas partes. A primeira ocupa-se, como o titulo indica, da educação feminista. O seu autor é um notavel bispo americano. O feminismo é um problema e uma conquista do ultimo seculo. Com a evolução progressiva do espirito humano e do sentimento cristão moderno surge-nos, rico de esperanças, o movimento feminista. Em Portugal quasi que só se conhece o feminismo nas suas aspirações absurdas. O pouco favor que por cá possue a nova escola parte dos arraiais anti-catolicos. Os catolicos dormem sobre a sua ignorancia da evolução feminista, como de resto succede em quasi tudo o mais que revela expansão psicologica e social. E todavia o feminismo é originaria e fundamentalmente cristão. Aconselhamos á indolencia catolica portuguesa, a que esfregue os ollios, abra este opusculo e desperte com elle da obsessão do seu somnolente intelecto, ácêrca de uma das mais fecundas conquistas do espirito moderno. Quanta bagagem revelha não lançará fóra do seu individualimo retrogrado e semipagão !...

A segunda parte disserta sobre o futuro social e religioso da democracia. Todos veem que atravessamos uma epoca de verdadeira transformação social. O futuro dos povos é a democracia. A ella tende rumorosa e velozmente a America, depois a velha Europa e até os povos orientaes. E' uma onda universal irresistivel. Não há diques a oppôr a este movimento, que pode ser tão salutar como nocivo á humanidade. Tudo está na compreensão que d'elle tivermos e no impulso directivo que se lhe der. Neste sentido, nada mais a proposito do que este trabalho de Mons. Guibert, arcebispo de Bordeus. E' que foi escrito no meio do fogo deste movimento que ora agita a França no seio da democracia. Muito têm que apprender clero e catolicos nesta bella collecção de vulgarização scientifica e religiosa.

A politica de hoje e de amanhan. — Este opusculo, que tão bem recebido foi em todo o paiz ao sair do prelo, esgotou-se rapidamente. Já temos sobre a banca a segunda edição. Agora, como no principio, recomendamo-lo vivamente a todos que não desejam ver a religião e a patria tratadas como roupa de franceses. Todo o português, sem distincção de classes nem partidos, tem que appproveitar com a sua leitura. Educa, abre os olhos e obriga a trabalhar, sem treguas, por Deus, pela patria e pelo bem estar social. Ao seu venerando editor os nossos vivos agradecimentos.

Dom Frei Caetano Brandão. — Poemeto do Rev.mo Sr. Dr. Correia Simões, com um prefacio do sr. Dr. João Penha

São 195 paginas de versos alexandrinos cantando as extraordinarias virtudes do preclarissimo Prelado.

O Sr. Dr. Antonio José da Silva Corrêa Simões teve uma ideia felicissima em tentar, só que fosse, a epopeia de tal heroe. Têl-o porém realizado com exito feliz, é bom motivo para o poeta se regosijar.

E ahi está um livro de versos inspirados em ideal excellente e que nos revelam que o seu autor é um espirito generosamente aberto ao ideal sublime do Christianismo.

O poema vem com muitas notas interessantes, dando-nos um volume de 238 paginas.

Ao illustre poeta agradecemos o brinde d'um exemplar com que nos destinguiu.

Habla usted latim ? — E' uma guia de conversação latina, destinada a divulgar o exercicio pratico do classico idioma de Virgilio, E' fundado o livrinho, que tem perto de 100 paginas, sobre a mais pura latinidade, segundo um periodico do reino vizinho e nós não duvidamos confirmar. Aos jovens seminaristas muito approveitaria o seu uso, bem como a todos os membros do clero, a quem o recomendamos. Aos seus benemeritos editores, os srs. Gili de Barcelona, o nosso agradecimento.

Theologia Moral de Scavini. — Recebemos mais uma caderneta da traducção desta importante obra teologica. Ainda que não simpatizamos com a traducção da teologia moral em vulgar, nada perde o clero em assignar e muito menos em estudar esta obra porque é muito clara. Para este fim podem todos dirigir-se á Empresa da Revista Catholica, de Vizeu.

Relatorio do Circulo Catholico do Porto. — Os operarios encontraram finalmente no Porto um meio de illustrar o seu espirito e de educar a a sua vontade. E' o Circulo Catolico, o qual, como se vê, progride muito de anno para anno. Mas quanto falta ainda para chegar aonde o seu fundador o deseja elevar! Recomendamo-lo á generosidade de todos que se interessam pelo progresso do operariado.

Relatorio do Circulo Catholico de Braga. — Tem progredido muito este circulo. Faz grande bem aos operarios. Nós mesmos somos testimunhas disso. Fazemos votos por que se não pare um só dia nesta cruzada do bem, e felicitamos os directores do circulo pelos resultados obtidos.

Relatorio do Seminario de Santo Antonio de Braga. — E' um estabelecimento de caridade e de instrucção de grande alcance este seminario, que já tanto bem tem produzido na vasta arquidiocese de Braga. Fazemos votos pelos constantes progressos desta boa casa. E felicitamos o seu benemerito fundador por tudo, agradecendo a offerta do excellente relatorio.

Relatorio da Associação Catholica do Porto. — Abre este relatorio pela indicação das graças espirituais concedidas aos socios desta benemerita agremiação por Pio IX.

Pelas academias e festas celebradas ou promovidas pela Associação e de que o Relatorio dá conta, vê-se bem quão fructuosa é esta instituição, que tem dado ao catholicismo portuense um grande incremento de vitalidade. A Associação Ca-

tholica é um elemento social já hoje indispensavel á cidade da Virgem.

O grande Marquez de Pombal. — Estava a sair do prelo a nossa Revista, quando o recebemos. Como o queremos apreciar mais de vagar, deixamo lo para o numero seguinte, pedindo desculpa da demora ao seu conhecido editor, o snr. Germano da Silva, a quem agradecemos a delicadeza da offerta.

Revistas & Jornaes

A Democracia christã. — Este nosso colega, citando no seu numero de 12 do passado mês o breve commentario que fizemos á transcripção da sua noticia da reunião havida em Setubal, por occasião da visita do Rev.º Padre Roberto Maciel, accrescenta duas longas columnas, pedindo-nos que concordemos com elle no seguinte:

«... A «Voz de Santo Antonio» ha de concordar, mau grado seu e com profunda tristeza, que nem todos pensam do mesmo modo, nem procedem em ordem a estabelecer essa reforma, dentro da benemerita Instituição Terceira de Lisboa em que, ultimamente, se tem passado os tristes acontecimentos que os leitores conhecem, pela rama.

Não é assim com certeza que se trabalha para a regeneração social...»

Depois de narrar ao de leve alguns casos de cuja veracidade a «Democracia christã» toma as responsabilidades, accrescenta:

«Estamos certos de que a «Voz de Santo Antonio» pensa como nós, exatamente, quando dizemos que não é assim que se trabalha para a regeneração social e para a fraternidade christã. Não é».

Certamente, devemos concordar em que não é pela desharmonia e pela guerra que se obtem a harmonia e a paz. A Ordem Terceira, já aqui o temos dito muitas vezes, é uma instituição social que pretende christianizar a sociedade por meio da sabia orientação que só o Evangelho e a Moral Christã lhes podem dar. Foi o que apontamos no primeiro artigo do numero passado.

D'accordo, pois, em condemnar tudo o que não seja ordem, fraternidade, amor. No que, porém, discordamos do colega é em nos fazer sabedores do que se passa em Lisboa.

Não ha talvez ninguem mais ignorante (e propositadamente) das mazelas que por ahi surgem, do que o chronista dos *Echos de S. Francisco* da «Voz de Santo Antonio». Desejamos ser imparciaes e alheios a tudo isso. O que pretendemos simplesmente, é contribuir para a reforma da Ordem Terceira *em Portugal*, e não em Lisboa, em Braga ou no Algarve sómente. Para isso, estudamos o meio em que vivemos e, em harmonia com a doutrina votada nos congressos da Ordem Terceira, escrevemos e vamos traçando desassombradamente o nosso programma. Com este não se dão bem as escaramuças particulares ou publicas, e é por isso que desejamos ardentemente o remedio para a Ordem Terceira de Lisboa e de toda a parte. Um dos primeiros e principaes meios, não o ignora o colega, é guardar, sobre taes questões, uma prudente, digna e sabia reserva.

Guardal-a-emos. Assim somos coherentes e... verdadeiramente franciscanos.

CASTELLO E ENSEADA (POVOA DE VARZIM)

A Cidade e os Campos. — Recebemos o numero 2 d'esta revista, a que não nos refeririamos, porque não dispomos de espaço para reclamo, se não tivessemos que responder a algumas acusações que em artigo especial, nos faz.

Achou o colega que tinhamos sido injustos na apreciação que fizemos no nosso numero de junho, ao primeiro numero da *Cidade e os Campos*, dizendo que «é indecente nas suas gravuras e immoral em muitos dos seus artigos». Para o provar basta lêr os artigos «*Amae, amae, que o amar é soffrer*» e «*Entre a bigorna e o martello*» e as gravuras que aí vem publicadas.

Não precisamos de insistir mais. Accusa-nos

tambem o nosso colega de o recebermos sem o «menor vislumbre de delicadeza». Aqui damos a mão á palmatoria, porque neste ponto o colega citando uma anecdota d'um «sentencioso e justiceiro parocho,» que *inter pocula* affirmou que a apreciação da *Cidade e os Campos* não era da «Voz de Santo Antonio», mas da voz d'um burro, diz que por certo Deus collocar-nos-ia onde se collocam aquelles individuos. Bem se vê que tanto o colega, como o digno prior tomaram chá em pequenos. Não nos admira nada que o «digno e justiceiro parocho» tenha fallado assim da «Voz de Santo Antonio» (que aliás, na frase da *Cidade e os Campos* publica artigos muito sensatos com os quaes concorda) porque talvez seja dos que não respeitam escriptos de maior auctoridade do que é a nossa humilde Revista. Concordamos que fomos severos na nossa apreciação porque a isso nos obrigava a nossa consciencia, e o apreço em que temos os nossos leitores, a quem não queremos impingir pechisbeque por ouro fino de lei, que por certo o não é uma Revista, que no seu numero 2 chama aos artigos da fé catholica «uma serie de duvidas, e maldades até, com que vão adornar o pequenino cerebro d'uma creança».

Concluimos notando que uma anecdota é sempre anecdota, podendo muitas vezes até ser um disparate, porém a que a *Cidade e os Campos* criticam, não o é; e tem tanto valôr, que é o sentir d'um juiz que tinha todo o interesse em o occultar. E' historica, tirada d'uma revista francêsa de todo o credito, não foi pois inventada pelo autôr da apreciação da *Cidade e os Campos*. Escreva o collega artigos que se possam lêr, e ternos-á sempre ao seu lado para o aplaudir.

AGRADECIMENTO. — Damo-lo, e muito sincero aos jornaes e revistas que nos têm recebido com extremos de delicadeza chegando alguns a transcrever artigos nossos e o summario de quasi todos os numeros.

Entre todos, recorda-nos agora, sem offensa para qualquer outro que tambem se tenha referido a nós, o grande e excellente diario catholico a **Palavra**, a **Cruz**, de Vianna, o **Grito do Povo**, a **Democracia Christan**, a **Associação Operaria** e alguns bons colegas dos Açores, da India e do Brazil.

Chronica universal

PORTUGAL

OUTRA vez a *Opinião Nacional* desovou... Eis o grande acontecimento de que tem de dizer o chronista.

Furados os óvos da não sei se aguia se pata que se chama *Ideia nacional*, despejadas as urnas, digo, lá surdiram, aos saltinhos, para a vida politica 72 deputados regeneradores-liberaes ou franquistas; progressistas 44; regeneradores 23; progressistas dissidentes 4, 4 republicanos, 5 independentes, 1 nacionalista.

Se os factos falassem, a gente havia de concluir que desde fevereiro a Opinião se transformou radicalmente. Poucos mêzes ha a Razão Nacional illuminava de resplendores olympicos a nobre figura do sr. Hintze Ribeiro. Seus raios picavam em rebrilhos as lunêtas de sua ex.ª, os botões, os galões da sua farda ministerial, com fremitos de flama dum enthusiasmo ardente, como numa grande apotheose.

Os veneraveis cidadãos portuguêses, como quem atira o chapeu ao ar num grande enthusiasmo homerico, pegavam no facho dos seus encephalos, atiravam-nos aos pés de sua ex.ª; para ahi convergiam as jactitações da Razão Portuguesa, onde tomavam a cohesão dum pincaro de luz; alli então dominava o sr. Hintze Ribeiro.

Ora o sr. Hintze Ribeiro não deu fundamento a tamanha ingratidão por parte de seus amigos. Das eleições de então conclue-se que a Nação estava com elle. Desde as eleições á demissão daquelle gabinête não houve escandalo proporcional a tamanho abandôno. Demais, o presidente do conselho de então caiu sem se saber porquê. Não se sabe mesmo se sua ex.ª saltou abaixo, se o empurraram. Como se explica pois que os regeneradores tivessem então cento e tantos deputados, e agora pouco mais de vinte?

— Será da Opinião ser dama muito versatil, muito leviana?

— Qual! E' uma coisa que eu cá sei, e todos nós sabemos. Isso — que a opinião publica é dama inconstante — é um excesso de romantismo serôdio em que se abusa enórmemente da circumstancia banalissima de *opinião* sêr uma palavra do genero feminino. Em Portugal não se chegou inda tão longe. As damas não votam. E a psycho-physiologia dêste romantismo é um revirarmos os olhos de pupillas para dentro, para a nuca; e vá lá uma turrasinha para as estrellas, e depois um descêr languidamente as palpebras sobre o branco dos olhos... para nos illudirmos propositadamente, para não vermos uma miseria, uma vergonha nacional.

— Oh! Que é?

— E' que em Portugal não ha opinião, não ha razão nacional. Com mais de dois terços de população no analphabetismo só pode haver ignorancia nacional. Arranca-se a ferros do seio do Pôvo um ideal inconcebido. Segundo a psychologia, opinião publica, a bem dizer, não existe. Segundo a Constituição hade existir ainda que seja hypotheticamente.

Em conformidade com as *Instituições Civis* o soberano determina um cidadão que julgue competente para formar ministerio, para formar governo, sob condições mais ou menos implicitas de se entender com o Pôvo, com a Opinião Publica.

Depois o governo faz o que lhe parece e o Pôvo, já se vê, chamado a dar parecêr sobre assumptos em que nada pesca, está claro que diz sempre que sim, a todos que sim.

Eis a razão porque as maiorias são sempre da govêrno — a não ser então que todos, absolutamente todos, tenham governado optimamente.

Mas qual historia! Isso sim!

E' mas é que sob o euphemismo das *Razões Collectivas*, *Opiniões Publicas*, *Soberanias Populares* ha apenas um burro — um burro branco se quizerem, luminoso porventura, talvez de fogo,

no genero das alimarias do Apocalypse, mas que por emquanto só serve para ser montado pelo homem do governo. — Eis a *Opinião Nacional!...*

Em politica, o nosso pobre Pôvo mal distingue o bem do mal.

Coitado! Quer isto dizer que Portugal devia ainda estar adormecido politicamente no absolutismo? Que os populares devem ser esbulhados do seu direito eleitoral? Nada disso.

O suffragio serve para mostrar a incarnação dum determinado ideal num paiz, mais ou menos extensamente; e é da mais ou menos notavel corporização desse ideal que lhe resulta o direito de influenciar na direcção sob que se ha de impulsionar a conspiração para o bem collectivo.

Desta maneira, uma vez proclamado o suffragio, devia existir, suppõe-se existir, — ao contrario a Democracia é coisa sem significação — um estado maior de intellectuaes, de convicções sinceras, descendo ao contacto do pôvo procurando incarnar lhe na comprehensão essas mesmas convicções, não só no intuito de consolidarem no suffragio o predominio proprio, mas tendo em vista tambem que alvoreça no cerebro do pôvo o ideal da Patria, illuminando-lhe o instinctivo sentimento do patriotismo, do amor da terra onde nasceu.

Mas o que descobre o pôvo do fundo crepuscular da sua semi-consciencia para se orientar? São por via de regra uns influentes que o enganam sem escrupulos, que genuflectem diante do idolo do personalismo de que alguma coisa tenham elles a esperar, e a cujo serviço se deixam arrebatar dum enthusiasmo frenetico lembrando um foguête que assopra subindo aos ares, vibrando a cauda, explodindo, espirrando pelo nariz todo um ideal politico em *lagrimas de vista* á chegada do comboio especial onde vem installado o sr. *Fulano*.

Ora, como quem está no poder melhor pode pagar tão grandes serviços... já se sabe o resto.

E' claro que para os srs. influentes cada voto que arranjem pelo mencionado processo lhes vem a render como se tivessem vendido um bom carneiro...

Ora pois, as eleições foram rigorosamente normaes. Nada de inesperado, no aspecto geral. No Porto, a imposição exercida sobre os empregados dos *Caminhos de Ferro* é para que se saiba que convicções politicas tambem podem ser arrolhadas num frasco, com a cortiça tão entalada no gargalo que não valham nem unhas nem dentes de ninguem. Só o governo com o respectivo sacarolhas.

O que revoltou, porem, toda a gente — que o é, — não obstante o habito duma generosa tolerancia para com os srs. *Falcatruas*, foi esse processo vergonhoso de que alguem se serviu para inutilizar a candidatura do illustre nacionalista, sr. Fernando de Souza, propalando que o illustre escritôr até agradecia como um favor digno de sua eterna gratidão ao Pôrto — que não o elegessem.

Quem seria o *rôlha?!*

ROMA. — Já decorreram três annos desde o falecimento de Leão XIII. Mas esse longo praso não teve ainda efficacia bastante para apagar da memoria da Igreja, e principalmente da de Roma, a imagem d'aquelle grande espirito, d'aquella alma de eleição em quem se fixavam, ainda na hora da sua passagem, deste mundo, as vistas do mundo inteiro. A igreja romana tem o piedoso costume de todos os annos, ao passar o anniversario da morte do ultimo Papa, celebrar exequias solemnes na capella Sixtina, com a assistencia do novo Pontifice. Segundo esse costume, no dia 20 de julho, deu-se, pelas 9 horas e meia, principio á solemnidade funebre, estando presentes Pio X no trono pontificio, o sacro collegio, muitos prelados, o corpo diplomatico, a nobreza romana e muitos outros convidados. Pontificou o Cardeal Satolli, bispo suburbicario de Frascati. Terminada a missa o Santo Padre do alto do trono deu a absolvição do tumulo.

A funebre solemnidade recebeu especial relevo da delicadeza extraordinaria com que foi executada a missa. Era de seis vozes e os cantores os da capella Sixtina. Entre elles devemos mencionar os meninos da nova *schola* fundada pelo celebre Padre Perosi, dirigida e ensinada por elle com raro cuidado, sciencia consumada e extremo carinho. Por esta forma, Perosi faz reviver as antigas tradições verdadeiramente eclesiasticas e romanas, que ao explendor do culto divino juntavam a limpida e ingenua frescura das vozes juvenis. Na solemnidade de que nos occupamos despertou particular agrado o offertorio, trabalho excelente, composto pelo Padre Perosi de proposito para esta occasião, e muito bem executado debaixo da sua direcção.

— A *Stampa* de Turim annunciou que está proxima a publicação de uma especie de *Livro Branco* da Santa Sé, com o titulo de *Ponenza* com mais de 1:000 paginas. Deverá conter a historia completa e documentada de todos os estudos e trabalhos relativos á situação da Igreja Catholica em França desde o dia em que foi approvada no Parlamento a lei da separação.

— Mons. Maffi, arcebispo de Pisa e o Padre Hagen, da Companhia de Jesus, trabalham activamente na organização e na nova instalação do Observatorio do Vaticano.

O Papa offereceu-lhes todo o seu apoio e auxilio no tocante ás despezas da instalação e do aumento da dotação annual. A Companhia de Jesus offereceu todo o material que possue na *Villa Cecchini*. Esse material é muito abundante e de grande importancia historica, por haver servido nos estudos e trabalhos do celebre Padre Secchi.

— Pensa se em trasladar brevemente o cadaver de Leão XIII para S. João de Latrão. O cardeal Vigario, receiando que por então se reproduzam os escandalos e tumultos succedidos em 1881 na trasladação de Pio IX para a igreja de S. Lourenço, já perguntou officialmente ao governo do Quirinal se póde contar com a ordem publica á passagem do feretro. O Prefeito de Roma respondeu que o governo prestára honras militares por occasião do falecimento do ultimo Papa, e que as tropas serão postadas ao longo das ruas por onde passarem os restos funebres de Leão XIII.

— O Padre Hagen, novo diretor do Observatorio do Vaticano vai publicar brevemente o quarto volume do *Atlas das estrellas Cadentes*. Compõe-se a referida serie de cem mapas de grande importancia. A obra é dedicada a Pio X, illustre protector do notavel estabelecimento scientifico.

Os tres primeiros volumes do *Atlas* merece-

ram ao Padre Hagen as felicitações entusiasticas dos mais celebres astronomos contemporaneos.

— O Santo Padre publicou um *Motu proprio*, sobre ordens religiosas. Nelle mostra quão grande é a utilidade e importancia dos referidos institutos. Pondera depois a necessidade que elles têm de estar em continua e direta dependencia da autoridade ecclesiastica, a fim de evitar que venham a ser modificadas ou tidas em pouca conta certas medidas e decisões por ellas tomadas. Para esse fim o *Motu proprio* estatue o seguinte :

1.º Que nenhum bispo ou Ordinario funde nem permita que se funde, em qualquer logar da sua diocese, congregação alguma religiosa, de um ou de outro sexo, sem autorisação de Sua Santidade, por escrito.

2.º A fim de obter a referida autorização, o Ordinario terá que dirigir-se á Congregação dos bispos e regulares, declarando na petição: —Quem é o fundador deste instituto e por que razão intenta fundá lo; o nome do instituto; a forma, a côr e a qualidade do habito dos noviços e professos; quais os gastos com que a nova fundação tem de arcar; com que meios conta para sustentar o instituto e, finalmente, dizer se já existe na diocese outra congregação similar e a que obras se dedica.

3.º Logo que pela Congregação dos bispos e regulares seja concedida a dita permissão, nada se oppõe a que o Ordinario funde ou conceda que se funde o instituto, desde o momento que o titulo, o habito, o fim e tudo o mais que lhe diz respeito se conserve exatamente como a sagrada Congregação approvou, nem se faça mudança alguma sem o seu consentimento,

4.º O Ordinario inspeccionará a constituição da Ordem e assegurar-se-á do cumprimento exato das prescripções da Santa Sé.

5.º Se qualquer destas Congregações se estender, com o tempo, a outras dioceses, ficará, emquanto não tiver autorização do Papa, submetida á jurisdicção do Ordinario, segundo as regras estabelecidas na constituição *Conditœ* de Leão XIII.

— Ao mesmo tempo que a familia real e a nobreza italiana abandonam a cidade Eterna, para irem veranear pelas costas do Mediterraneo ou do Adriatico, o Papa continua recluzo na sua prisão, permitindo-se apenas algum passeio a certas horas pelos jardins do Vaticano. Trabalha no resto do dia na sua biblioteca, antiga sala do Consistorio secreto, cujas janellas dão para a praça de S. Pedro.

Sobre a mesa de trabalho vê se um crucifixo e uma estatua do B. Cura d'Ars. Na frente e ao fundo da sala, respectivamente, uma escultura de prata da Imaculada Conceição e outra de Joana d'Arc.

Do outro lado, sobre uma comoda, um bello Crucifixo. Pendurado do tecto um lustre de Veneza, offerta da sua antiga diocese, e, espalhados por toda a parte, sobre mesas de tamanhos diversos, livros, revistas, periodicos e toda a especie de publicações. Eis em poucas palavras descrito o logar onde Pio X trabalha durante o verão. Assim passa as férias o primeiro soberano do mundo e o grande prisioneiro da civilisação moderna.

— Pio X acaba de mandar á igreja de França uma nova enciclica, cheia de paternaes conselhos aos bispos e aos fieis, sobre a situação em que o catholicismo se encontra em face da separação da Igreja e do Estado. Afirma que a demora na publicação desta enciclica foi devida a medidas de prudencia; quiz primeiro ouvir o parecer dos bispos e dos cardiais e examinar conscienciosamente a lei da separação, para em seguida resolver sobre o melhor modo de organizar a vida catolica na França, resalvando os principios fundamentais da Igreja.

O Papa admitte as associações de carater legal e economico; mas declara que ellas não poderão estabelecer se, desde o momento que não sejam reconhecidos e assegurados os direitos do Papa e dos bispos, particularmente no que respeita aos edificios da Igreja.

Feitas estas reservas, Pio X exorta os bispos a que organizem o culto, prometendo-lhes o apoio dos seus conselhos e da sua autoridade.

Em seguida repelle as insinuações que lhe tem sido dirigidas, de ser opposto ao regime republicano, e de não ser tão benigno para com a França como para com outras nações. «E' que, diz o Papa, a lei francesa da separação é uma lei de completa oppressão, obrigando o Pontifice a levar aos ultimos limites o seu dever apostolico.

Por fim convida os catolicos franceses a lutarem energicamente em defesa da religião, sem contudo fazer uso da violencia nem recorrer á sedição.

Segundo o *Osservatore Romano* os bispos, em resposta á enciclica do Santo Padre, protestam unanimemente contra a lei da separação.

«A vontade do Papa, dizem nesse valioso documento os prelados franceses, será sempre a ultima palavra das nossas resoluções. Agradecemos sinceramente ao Soberano Pontifice ter-nos permitido abrir discussão e consultas entre o episcopado francês, e ter nos convidado a tomar resoluções sobre questões que só o Papa tem direito de resolver.

Dirigidas estão as nossas vistas para o Augusto e infallivel guarda da verdade. E' assim que discutiremos e exprimiremos as nossas idéas pessoais. Sacrificá-las-emos de antemão á sentença Pontificia.»

Depois exaltam a enciclica, declarando-a ao mundo inteiro como «um monumento da sabedoria divina e humana, na qual a autoridade do homem parece confundir-se com a de Deus, na qual Deus substitue a palavra do homem pela sua, misturando a severidade do juiz com a carinhosa exortação do pai indulgente, animando-nos a sofrer o martirio a que nos sentimos completamente dispostos »

Acatam as condenações da enciclica contra a lei da separação, e fazem sua a indignação de Pio X. contra a audacia de um Poder que rasga um contrato celebrado com a Igreja, sem o comunicar ao chefe da mesma Igreja.

Finalmente censuram com energia as sacrilegas usurpações dos bens eclesiasticos e as pretenções do poder civil a administral-os como seus.

ITALIA. — A imprensa catolica celebra com jubilo o triunfo conseguido pelos catolicos italianos, por occasião das eleições municipais, nos centros mais importantes e mais povoados. Obtiveram tambem a victoria de um deputado por Catana, derrotando a candidatura socialista.

Em Napoles, particularmente, por onde foram eleitos 22 moderados e só 4 anticlericais o triunfo excedeu toda a expectativa. Era ahi que os socialistas haviam organizado a mais encarniçada opposição, não faltando o costumado expediente da violencia e da coacção material.

Este consolador resultado é devido á sabia politica dos catolicos, que em toda a parte onde lhes é possivel, coadjuvam os moderados contra os radicais, chegando em alguns casos, a fim de expulsar estes ultimos das Camaras, ao extremo de não exigir que na lista comum seja incluido o numero de candidatos claramente catolicos, que justamente podiam exigir.

Esta aliança, recomendada e posta em pratica pelos proprios bispos, oferece alguns perigos. O *Osservatore Romano*, tão solicito em dar os conselhos indispensaveis, já começou a apontá-los e a indicar os remedios possiveis a futuros desastres.

— Está provada a existencia de um *complot* anarquista contra a vida de Victor Manuel. A policia tem vigiado attentamente os anarquistas, não só por este motivo, mas tambem com receio de que se praticasse algum attentado contra o soberano, cujo nome se ocultava propositamente e que iria visitar a exposição de Milão.

— Como o *Manual Politico . . Maçonico* do sr. Trindade Coelho ainda não chegou á Italia, o monarcha deste pais resolveu chamar ao paço, antes que em Roma se fale no tal *Manual* exterminador, dois religiosos capuchinhos, e lançou-lhes ao peito uma das primeiras condecorações italianas. Premiou desta maneira o heroismo dos serviços que esses benemeritos prestaram, por occasião dos ultimos desastres causados pelo terremoto da Calabria. dizem que o sr. Trindade Manual apenas teve conhecimento deste facto *irradiou* de cá o rei Victor Manuel com a excomunhão maior do ritual dos estalinhos. . .

— Segundo o *Osservate Romano*, uma menina da aldêa de Fittegnano, perto de Pisa, sonhava há tempo, com frequencia, que num sitio onde se achava a cozinha da sua habitação, estava enterrado o cadaver de uma santa. Como insistisse muito nisto, fez-se a excavação no logar indicado pela tal menina. A alguns metros de profundidade, encontraram o cadaver de uma mulher, em perfeito estado de conservação. Depois de reconhecido e examinado pelos competentes, e feitos os estudos que se podiam relacionar com este acontecimento, assentaram estar quasi de todo provado que o cadaver era da Bemaventurada Cherardesca, que viveu pelo anno 1200 nos arredores da referida aldêa.

FRANÇA. — E' espantoso o que se tem praticado neste paiz. Ausentou-se delle quasi por completo o sentimento religioso. Aqui tem os leitores uma pequena sintese dos factos que têm, desde há alguns annos dilacerado o coração e as entranhas da antiga primogenita da Egreja. Em seguida a isto, vai um feixinho de informações sobre os manejos maçonico-radicais da estrabica seita que empolga a vida da França em todas as suas manifestações externas e internas.

Tudo o que pudesse ser simbolo do Catholicismo tem sido expurgado dos edificios publicos e do estado.

— Subsistia, porém, ainda um grandioso centro de piedade, que apesar de existir em solo francês, se conservou até agora ou porque se temessem reclamações de todos os paises que ali vão frequentemente aos grupos mais ou menos numerosos, ou por espirito de ganancia, ou porque a mão de Deus lhes conteve o odio e a penna para não redigir o decreto de encerração e exterminio.

Era Lourdes! Lourdes, a fonte dos milagres e beneficios da Mãe de Deus, o centro da devoção do mundo á Virgem, a região abençoada por todos os povos modernos, a terra dos amores de Maria.

Pois essa verdadeira Terra da Virgem, esse santuario de todas as nações, está talvez em vesperas de encerramento.

Os jornaes sectarios, avançados e maçonicos da esquerda parlamentar, e outros dos partidos moderados têm levantado uma violentissima campanha contra o celebre santuario, pedindo ao governo que o encerre sem demora. Veremos em que fica a barrata antireligiosa e antipatriotica destes eximios pais da patria e presumidos amigos do povo. Será talvez a ultima enchadada na sepultura da França crente.

Ultimamente, para solemnizar *á la diabbe* o anniversario da festa nacional, Clemenceau, ministro do interior dos cultos, mandou encerrar 750 estabelecimentos de ensino onde se estava formando, com o maior carinho, a juventude. O sentimento catholico francês recebeu um dos maiores ultrages em plena face.

Entre essas 750 escolas, está o notavel collegio de Arcucil. Foi ali que, na epoca dos horrores da Communa, grande numero de religiosos de S. Domingos recebeu a palma do martirio, no meio do tormento, que a crueldade da maçonaria e impiedade do filosofismo elle quiz infligir.

Todos os homens honestos e todas as consciencias se revoltaram contra esta nova bofetada do rectarismo na propria honra e prosperidade da França.

Por falta de espaço, somos obrigados a retirar a maior parte do original, que tinhamos disposto para esta cronica. Nesse original falavamos no congresso Pan americano; apreciavamos o monroismo de Roosevel; discutiamos a iminente questão religiosa do reino vizinho; tocavamos nos ultimos congressos catholicos e marianos celebrados em varios paizes: participavamos do entusiasmo despertado pelas medidas pacifistas da Inglaterra e expunhamos o quadro dos horrores revolucionarios que se desenha diariamente na Russia.

CARTA DE UM MISSIONARIO

Meu querido Padre Director da «Voz de S. Antonio»:

Ha quasi dois mezes e meio que retirei da minha saudosa Missão de S. José do Mongué, regressando ao reino a refazer as minhas forças e o meu organismo depauperado pelo paludismo, e principalmente restabelecer-me d'uma biliosa anúrica que me ia levando para a eternidade.

Foi na quarta-feira depois da Paschoa, 18 de abril, que se me declarou aquella perigosissima enfermidade. Havia já alguns dias que tinha perdido o apetite e passava em continuo máu estar, sendo já com difficuldade que fui e Inhambana ajudar a fazer a Semana Santa a pedido do digno Parocho e nosso amigo P. Pontes.

No sabbado Santo, á tarde, voltei para a missão com o irmão Salvador, para dizer missa ao povo no domingo de Paschoa. Na quarta-feira seguinte, de manhã encontrei-me um pouco melhor e animado a satisfazer o pedido dos nossos pequenos que desejavam ir de passeio ao Maxixe, séde do commando militar, dar as boas-festas ao commandante, snr. José Galvão de Magalhães, nosso presado amigo a quem devemos grandes favores.

Não obstante distar da missão quatro leguas, das grandes, n'aquella manhã estava disposto a palmilhar aquella interminavel estrada de areia solta.

Porém qual não foi a minha desolação quando pelas 10 horas, reconheço que uma biliosa devorava cruélmente o meu corpo. Admiro me ainda hoje, como sendo a minha preoccupação em Africa o temor d'essa terrivel febre, porque conhecia varias victimas suas, e quão perigosa ella é, admiro-me, repito, como não desfalleci de desanimo! A morte é para mim um phantasma medonho!

Não podendo recolher ao hospital no mesmo dia, por falta de meio de transporte, porque o vento estava contrario e o mar picado, e por terra não havia machila azada em que me transportassem, só no dia seguinte pude sair da Missão.

V. não faz ideia; Deus Nosso Senhor sabe o que se passou por mim n'aquella noite de quarta para quinta-feira! Mil agradecimentos ao irmão Salvador pela excessiva caridade que teve comigo.

De maneira que no dia que eu esperava passar em alegre convivio com o nosso commandante, dei entrada no hospital, mais morto do que vivo, com a alma amargurada, e o coração cheio de tristeza, pela lembrança de talvez em breves momentos ter que dar contas a Deus da minha vida, e o corpo atormentado por aquelle cruel e inexplicavel mau estar. Lembrei-me então com saudade de muita gente.

Aqui tem V. como são as coisas d'este mundo, e quanto importa estarmos sempre preparados para aparecermos perante o Senhor da nossa vida.

Porem ainda não havia sôado a minha ultima hora, e Nosso Senhor quiz prolongar os meus dias.

Depois de Deus attribuo a minha vida aos esforços e zelo do digno director do Hospital de Inhambane, a quem mais uma vez agradeço o interesse que tomou pela minha saude, e o carinho com que fui tratado.

Fiquei porém em um tal estado de debilidade, effeito da doença e tambem do tratamento, preciso, mas verdadeiramente barbaro, que importava vir restabelecer-me ao reino, tanto mais que já tinha mais do que o tempo de serviço exigido, para me ser dada a passagem.

Descuidei-me muito da minha saude, confiando demasiado em minhas forças, no ultimo anno de Africa; fiz me o mais valente de todos, expuz me a tudo, desprezei o quinino e os purgantes, tão necessarios em Africa, eis a causa a que attribuo a enfermidade de que ia sendo victima.

Foi com profunda saudade que deixei a Missão, e me separei dos meus companheiros de trabalho.

Ficavam muito poucos, e estes já cançados e arruinados alguns, á excepção do impagavel Salvador que parece ter nascido para aquelle clima; e ainda bem que Nosso Senhor lhe concedeu tão rija saude, porque é um irmão quasi insubstituivel; nada lhe offerece difficuldade, e a tudo dá expediente.

Lá ficaram tambem 30 creanças, entre pretos e mulatos, já todos baptisados, e quasi todos com primeira communhão. As ultimas foram no dia de S. José, este anno, dia em que houve festa rija e se fizeram 20 baptisados e 12 primeiras communhões. O meu querido companheiro, P. Alberto, infatigavel obreiro das missões, que devido ao seu muito trabalho, ultimamente muito tem soffrido com as febres, que o não largaram durante mezes, dizia-me na sua ultima carta, «que o internato tem augmentado e conta já uns 40 alumnos; que o trabalho é insano e que teem tido muito que fazer na encadernação e alfaiataria».

Pena é lutar-se com tão grande falta de pessoal e de meios para se poder realizar o ideal dos missionarios — a formação de centros christãos, de gente habituada ao trabalho e que saiba ganhar a vida com os conhecimentos profissionaes adquiridos nas missões catholicas. O prêto, uma vez christão, e com os conhecimentos de instrucção primaria, o que precisa principalmente é de saber trabalhar; ganhar a vida com o seu trabalho manual; só assim é que o prêto poderá ser util á sociedade.

Praza a Deus não faltem obreiros de boa vontade para este campo immenso da vinha do Senhor: «*messis quidem multa*».

E' verdade que por estarmos ainda em principio, desprovidos de grandes recursos, e sem o pessoal devido, os nossos trabalhos parecem luzir pouco; mas se apoz centenares d'annos de trabalhos missionarios, é ainda relativamente pouco o que se tem feito em Africa, como quererá alguem que com tão insignificantes forças hajamos feito mais?

E' verdade tambem que o prêto é bastante ingrato e pouco faz por se aproveitar do grande beneficio das missões; mas demos lhe o desconto: não é elle tambem a raça mais inferior que ha sobre a face da terra?

E se o missionario catholico com a mansidão e paciencia que Jesus recommenda aos seus apostolos, não procura salvar aquellas pobres almas, quem se occupará d'isso, e quem lhes dirá que tambem elles foram remidos com o Sangue do Salvador?

Ha difficuldades, é verdade: todavia, com o auxilio de Deus, muito se poderá conseguir, porque o prêto não deixa de ser accessivel á christianisação, ainda que tenha a nota caracteristica da sua raça: — a falta de persistencia no bem. Havendo pessoal sufficiente, meios pecuniarios, e sobre tudo as bençãos do Céo, atrahidas pela oração, é com satisfactorio fructo, e por vezes com grandes consolações que o Missionario vê coroados os seus esforços e trabalhos.

Desculpe V. esta massadôra estirada; sirva ella ao menos de incentivo, que anime todos os que se sentirem chamados a cooperarem na dilatação da Fé em Jesus Christo.

Seu am.º ded.º

P. S. P.

religiosas no paiz, pede, no capitulo em que trata da religião, a sua rapida extincção e aniquilamento.

O mesmo senhor julga que para este fim, o melhor meio é a applicação das leis pombalinas e de Aguiar (!) pelas quais todos os membros de associações religiosas devem ser postos, a toque de caixa, muito longe da fronteira.

Depois disto acha que é então «tempo de começar», a educação da mocidade, *que anda avariada pelos membros dessas associações.*

Ora, esta petição tem apenas uma explicação plausivel, afóra o espirito de sectarismo: é a profunda convicção que o sr. T. C. tem de que estes institutos e associações são por completo prejudiciais ao paiz — quer pela educação que ministram á mocidade, quer pelas ideias injustas que infiltram no sentimento popular. E parece ser na realidade este o motivo das exigencias do sr. T. Coelho.

Mas o sr. Trindade C. reconhece que «*a liberdade de associação* deriva..., naturalmente, da liberdade individual» (pg. 43). Por consequencia, não nega que essas associações que elle condemna sejam legitimas no campo do direito individual.

Precisa portanto de provar que essa liberdade não é justa, porque vai lesar os direitos da maioria da nação.

Haverá porém essa colisão? Diz o sr. Trindade C. que sim, pelo simples motivo de falsearem a orientação da sociedade. Desejavamos, contudo, que o sr. T. Coelho nos provasse, documentando, a veracidade desta sua affirmação. Fuja, porém, o sr. Dr. de concluir, de um ou dois casos particulares, a falseada direcção da generalidade. Isto, alem de erro imperdoavel, seria muitissimo trivial. Os documentos que o sr. Coelho apresenta do sr. Theofilo Braga, de Fialho de Almeida, de Anthero do Quental (homens, sem duvida, de muito valor) não provam absolutamente nada. O mesmo vicio fundamental existe em todos. Afirma-se, não se prova. E, num seculo em que nada se crê e tudo se prova, acho menos logico e menos *scientifico*, num doutôr, desejar que os outros creiam o que elle pensa, sem um ensaio, sequer, de prova...

Mas, quais são as provas que o sr. T. Coelho deve apresentar-nos, para que todos nós vamos chicoteando, até á fronteira, os membros dos institutos religiosos? E' o seu *Manual* que as aponta:

«E' muitissimo raro — lê-se a pag. 45 — que uma associação religiosa se não lance na propaganda das suas doutrinas; o que aliás seria justo se o meio por ella empregado fosse exclusivamente o da persuasão. Todos os outros meios, porém, como a astucia, a corrupção, a perfidia, o emprego da violencia, são absolutamente de condemnar.»

Logo o sr. Dr. T. Coelho deve provar-nos, para votar esses homens á execração publica, que elles empregam *a astucia, a corrupção, a perfidia, a violencia.* Mas os documentos que não esqueçam.

E ainda depois de tudo isto o snr. T. Coelho não tinha direito a aniquilar esses homens. Para isso era necessario, que aliassem a essas qualidades a da inutilidade da instituição e do ideal d'ella, seguido pelos seus membros.

Ora, isto é uma questão que nem o sr. Trindade Coelho nem eu somos capazes de resolver immediatamente e com acerto. Essa inutilidade devem proclamal-a os povos e a sociedade e não um individuo particular. Mas é totalmente o contrario disto o que se vê nos centros em que ellas existem.

Entretanto fica de pé, pelo menos, a possibilidade de serem uteis. E havendo esta possibilidade é verdadeiramente incrivel que o sr. Trindade Coelho se esquecesse do que escreveu a pag. 7: «o que convem é reformar o que nas instituições houver de defeituoso e nunca pretender destruil-as». E este criterio tanto se aplica á sociedade em geral como a qualquer instituição particular: — a justiça é egual para todos. Se o sr. Dr vê que estas instituições não cumprem o seu dever exija a sua reforma, não a sua destruição. — Creio que é muito logica esta consequencia.

Já vê, pois, o sr. Trindade Coelho que lhe falta muito, muitissimo para pedir assim o aniquilamento de todos os institutos religiosos. E' um estudo e uma questão mais séria do que o sr. fingiu pensar.

E se ainda apelassemos para a tolerancia que o sr. Dr. nos prega, a pag 68, por estas palavras: «E' preciso saber supportar as opiniões, as ideias politicas, e as crenças religiosas dos outros, e proceder em todas as circumstancias da vida em harmonia com estas palavras do Evangelho, que resumem de um modo tão perfeito a noção de fraternidade: «Faze aos outros o que quererias que elles te fizessem», que haviamos de dizer? Uma coisa sómente: que o sr. Dr., nesta *circumstancia da sua vida*, que se traduziu num *Manual Politico*, foi sumamente *intolerante* com *as crenças religiosas dos outros.*

Em summa, precisamos de algumas provas e um bocadinho de coherencia.

E aqui tem o sr. Dr. um reparozinho para a nova edição do Manual Politico...

Uma coisa nos lembra. E' que o sr. Tr. C. se esqueceu de pedir a extinção das congregações religiosas que existem no ultramar. Provavelmente porque não tinha as provas que nos dará brevemente, em harmonia com o nosso justo pedido, das que existem no continente. Era bom, contudo, sondar aquillo por lá. Talvez que d'aquella loca saia algum... coelho. Se não saír, é melhor não dizer nada. Mas, nesse caso, nós concluímos com todo o bom senso que nem mesmo as do continente são tão más como o sr. as apresenta. E' muito simples. Os membros que vivem lá são feitos cá. Não sei se me faço comprehender...

Além disso, ainda uma coisa, com muito menos logica, ficou immune dos ataques do sr. Coelho: os jornais catholicos. Já agora, por este resto, não vale a pena fazer ceremonia. E tanto mais que um jornal vale cem prégadores, no dizer de Pio IX e... no meu.

E aqui fica um outro pequenino reparo para a nova edição. Este esquecimento é .. fatal.

Emfim, eu não sei, não sei bem se o sr. Dr. Trindade Coelho comprehendeu sufficientemente o ridiculo da farça que compôs... Vá

meditando um poucochinho nisto, até vêr se no mês seguinte eu serei capaz de o convencer de que se pode educar *democraticamente* um cidadão, sem fazer d'elle um *caceteiro* prompto a varrer da terra patria os seus concidadãos, que — não o esqueçamos — têm, pelo menos, mesma liberdade de pensamento, de associação e de palavra, que o illustre auctor do Manual Politico. Com uma differença apenas — um bocadinho de tolerancia a mais.

Porto, 20-8-906.

C. V.

Almanach de S. Antonio

PARA 1907

(9.º Anno)

A' venda por todo o mês de setembro

Impressão esmeradissima, escolhida e numerosa illustração, collaboração litteraria, religiosa, recreativa, humoristica e original de bons escriptores catholicos, muitas e moralizadoras caricaturas. Precisão e clareza na indicação do jejum e abstinencia, privilegios e graças da bulla da Santa Cruzada, profuso nas indicações proprias de um almanach, completo e claro nos trabalhos do campo proprios de cada mês, o ALMANACH DE S. ANTONIO para 1907 satisfaz cabalmente aos mais exigentes leitores de almanachs.

Um tomo de 400 paginas por 250 réis!!!

Os nossos assignantes que tiverem pago a assignatura da «Voz de S. Antonio» correspondente ao anno de 1906, enviando-nos mais 200 réis receberão um exemplar cartonado do Almanach de S. Antonio para 1907.

Temos ainda alguns exemplares do Almanach de S. Antonio para 1906 que vendemos com desconto.

Já está impressa a musica para os versos do Monte de Myrra. Cada fasciculo 60 réis. Paga adeantada.

REVISTAS

Supplemento ao n.º 993 de «O Occidente». — Por mais numeros que o *Occidente* tenha publicado e este é já o 993 ha sempre surpresas no interesse de suas paginas pela escolha dos assumptos e sua palpitante actualidade. A d'este numero é superior, sendo todo dedicado á celebração do centenario de Antonio Rodrigues Sampaio, o principe dos jornalistas portuguezes. Principiando por illustrar a primeira pagina com um magnifico retrato de Antonio Rodrigues Sampaio, copia de uma photographia, a melhor que existe do grande jornalista, seguem-se nas outras paginas, lindas gravuras da Villa de Esposende e de S. Bartholomeu do Mar, terra onde nasceu Sampaio, a reproducção do projecto do monumento que lhe vão levantar em Esposende, devido ao distincto professor Manuel Gonçalves Vianna, de que publica o retrato assim como o retracto do distincto esculptor José Moreira Rato, encarregado de modelar o busto de Sampaio que ha de ser fundido em bronze. Um grupo dos membros da commissão executiva do monumento srs. Xavier Vianna, Silva Vieira, Alvaro Pinheiro, João de Freitas, Alfredo Vianna Lima, José d'Abreu e Alfredo Campos. Facsimiles das primeiras paginas do n.º 1 da *Revolução de Setembro* e do n.º 1 do *Espectro* Hymno de Rodrigues Sampaio, musica de João de Freitas e letra de Alvaro Pinheiro Pavilhão onde foi assignado o auto do lançamento da primeira pedra do monumento, etc. Alem da chronica Occidental de D. João da Camara, toda a parte litteraria é dedicada a Sampaio, apresentando trechos interessantissimos de uma biografia escripta por Teixeira de Vasconcellos seu contemporaneo e outros artigos de Manoel M. Rodrigues, Caetano Alberto, etc. E' um numero excepcional este do *Occidente* cuja assignatura custa apenas 950 réis por trimestre.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção.—Toda a correspondencia que se refira á Redacção, troca de jornaes etc.—Deve ser dirigida ao *Rev.º Padre Director da «Voz de Santo Antonio»*—BRAGA.

Administração.—O que se refira á Administração, como pedidos de qualquer obra, esclarecimentos sobre dinheiro enviado ao exc.mo snr. Thesoureiro e tudo que diga respeito ao movimento financeiro da Empreza ao—*Administrador da «Voz de S. Antonio»*—BRAGA.

ASSIGNATURAS

...o e ilhas Adjacentes e colonias		**Estrangeiro**	
...no.....	1$200	Brazil (réis fortes).....	1$550
...ca pelo correio.....	1$250	Outros paizes (francos).....	8